

LETÍCIA REIS DE OLIVEIRA

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS DO PORTUGUÊS NA LÍNGUA TERENA

M

L.R. OLIVEIRA

EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS DO PORTUGUÊS NA LÍNGUA TERENA

2015



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

LETÍCIA REIS DE OLIVEIRA

EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS DO PORTUGUÊS NA LÍNGUA TERENA

**Campo Grande/MS
2015**

LETÍCIA REIS DE OLIVEIRA

Empréstimos linguísticos do Português na língua Terena.

Qualificação de mestrado apresentada para exame de qualificação ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: língua e literatura

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

Campo Grande/MS
2015

Oliveira, Leticia Reis
Empréstimos linguísticos do português na língua
terena./Leticia Reis de Oliveira. Campo Grande: Universidade
Estadual do Mato Grosso do Sul, 2015.
86 p.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Letras –
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, 2015.
Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

1. Sociolinguística 2. Empréstimo 3. Língua Terena I.
Empréstimos linguísticos do português na língua terena

Empréstimos linguísticos do Português na língua Terena.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: língua e literatura

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros de Carvalho
Universidade Federal Fluminense/UFF

Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins – Suplente
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/UFMS

Prof. Dr. Miguel Eugênio Almeida – Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 17 de dezembro de 2015.

RESUMO

A língua indígena Terena é falada em Mato Grosso do Sul e boa parte do povo já não a usa como primeira língua, principalmente entre os mais jovens. Há um grande interesse por parte do indígena pela cultura do não índio. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é primeiramente analisar como se dá esse contato entre a língua Terena e a Língua Portuguesa em seguida descrever os empréstimos linguísticos e por fim, averiguar se o contato entre ambas as línguas influencia em um possível apagamento da língua Terena, para isso, desenvolvemos uma pesquisa pautada na vertente teórica da sociolinguística, mas utilizamos o método de coleta de dados em registros bibliográficos sobre a língua. Sendo assim, usamos como base os estudos sobre empréstimos linguísticos, de Carvalho (2009), a gramática da língua Terena de Ekdhal e Butler (1979) e os dicionários da língua Terena de Almeida (2005) e Silva (2013). Os dados coletados para o presente estudo, dizem respeito ao registro da língua Terena falada por indígenas que vivem no Mato Grosso do Sul. Para a análise desses dados agrupamos os empréstimos linguísticos do Português na língua Terena de acordo com o campo semântico, tais como: palavras referentes ao ambiente escolar, elementos da natureza, objetos e utensílios, alimentos, meios de transporte, costumes e tradições. Além das divisões por campo semântico, organizamos as palavras por ordem alfabética; a princípio, analisamos as palavras com registros distintos e após as separamos por campo semântico. Em um último momento, averiguamos se os empréstimos do Português na língua Terena contribuem para o apagamento da língua materna ou para a manutenção e preservação da mesma, causando, assim, uma das formas de mudanças linguísticas na língua Terena. Nesse sentido, fizemos algumas considerações ao final da pesquisa, a primeira delas é a de que o povo Terena, está localizado em um lugar de muitas heterogeneidades culturais, que contribui para uma reconfiguração e incorporação daquilo que eles acham conveniente para a sociedade indígena e essas mudanças de nível social refletem nas transformações e influências na língua Terena, aceitar algumas transformações e influências do “outro”, não diz respeito a mudanças de tradições, costumes e valores dos ancestrais indígenas, a sua essência sempre permanece. A segunda consideração que fazemos é o fato de que se soubermos utilizar os registros de empréstimos do português nas aulas de língua terena, com alunos que já não são falantes da língua materna, poderemos despertar o interesse para que as novas gerações estudem e preservem a língua materna, a partir, das palavras emprestadas do Português, a considerada língua de prestígios entre a nova geração dessa etnia indígena. Por fim, constatamos que assim como a língua portuguesa é heterogênea a língua Terena também, apresenta tal característica, pois está em movimento, em uso e devido ao fato das duas línguas estarem em contatos, em um ambiente de fronteiras linguísticas, entendemos que esse contato pode ser algo ameno e positivo, desde que a influência da língua portuguesa e seu uso não seja imposta aos falantes de língua terena, mas que ambas as línguas podem ser utilizadas e uma agregar valor a outra, sem que uma delas precise ser apagada, mantendo assim a tradição dos povos indígenas, contribuindo para que eles preservem e utilizem suas línguas maternas.

Palavras-chave: Sociolinguística. Empréstimos. Língua Terena.

ABSTRACT

The Terena indigenous language is spoken in Mato Grosso do Sul and many of the people no longer use it as their first language, especially younger people. There is great interest on the part of the indigenous by the non-Indian culture. Thus, the objective of this research is to first analyze how is the contact between the Terena language and Portuguese then describe the loanwords and ultimately determine whether the contact between both languages might influence in a possible extinction of the Terena language, for that, we developed a research on the theoretical aspect of sociolinguistics, but we used the data collection method in bibliographic records on the language. Therefore, we used as a basis studies on loanwords de Carvalho (2009), the Terena language grammar from Ekdhal and Butler (1979) and Terena language dictionaries de Almeida (2005) and Silva (2013). The data collected for this study, concern the registration of the Terena language spoken by indigenous people living in Mato Grosso do Sul. For data analysis we grouped the loanwords from Portuguese in the Terena language according to the semantic field, such as.: words related to the school environment, natural elements, objects and utensils, food, transportation, customs and traditions. In addition to the divisions by semantic field, we organized the words in alphabetical order; at first, we analyze the words with different records and then we separate them by semantic field. At last, we check to make sure the Portuguese loans in the Terena language contribute to the deletion of the mother language or the maintenance and preservation of the same, thus causing a form of linguistic changes in the Terena language. In this sense, we made some remarks at the end of the study, the first of which is that the Terena people, is located in a place of cultural heterogeneity which contributes to a reconfiguration and incorporation of what they find convenient for the indigenous society and these changes at a social level reflect the changes and influences in the Terena language, accepting some changes and influences of the "other" is not about changing traditions, customs and values of the indigenous ancestors, its essence always remains. The second consideration that we make is that if we know how to use the records of Portuguese loans of the Terena language, with classes of students who are no longer speaking their mother language, we can arouse the interest of the new generations to study and preserve their native language, from the words borrowed by Portuguese, the language considered most prestigious among the new generation of this indigenous group. Finally, we note that just as the Portuguese language is heterogeneous, so is the Terena language, it is in motion, in use and because the two languages are in contact in an environment of language barriers, we understand that this contact may be something uplifting and positive, since the influence of the Portuguese language and its use is not imposed on Terena language speakers, but that both languages can be used and add value to another, without the need for one to be erased, keeping the tradition of indigenous peoples, helping them preserve and use their mother tongues.

Keywords: Sociolinguistics. Loans. Terena language.

Aos que dedicaram e dedicam suas vidas ao estudo de línguas indígenas brasileiras.

AGRADECIMENTOS

Àquele que é mais do que um carpinteiro, que me proporcionou chegar até aqui.

Aos meus pais, Edivaldo e Lucimar, pela educação e incentivo financeiro sempre que era necessário.

Ao meu irmão Leandro, pela companhia durante esse processo.

Aos meus avós Luzinete e Marciano, por compreenderem as minhas ausências nos almoços de domingo e pelo apoio constante.

Ao tio Paulo, que desde muito cedo acreditou em meu potencial e investiu em meus estudos, com cada livro que me presenteou ainda na infância.

Aos meus avós Doca e Cida, que me ensinaram a importância da natureza, a generosidade e o amor ao próximo.

Ao meu orientador desde a graduação, Dr. Nataniel dos Santos Gomes, por seu incentivo, por dividir seu conhecimento comigo e me estimular a prosseguir os estudos sempre. Devo ao seu incentivo não só a conclusão deste mestrado, mas também o ingresso na primeira turma do Mestrado Profissional de Linguística e Línguas Indígenas – PROFLLIND – UFRJ / Museu Nacional.

Aos professores do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pela divisão do saber.

Ao professor Dr. Luiz Fernando Medeiros, por ter aceitado o convite para fazer parte da banca, pela disponibilidade de ler este trabalho e fazer suas preciosas contribuições; e ao professor Dr. Ruberval Franco Maciel, pelas contribuições desde a qualificação e por aceitar participar da banca de defesa desta pesquisa.

Aos meus amigos Suellen, Marcelo, Gabriella, Marly, Taís Turaça e Pedro Guilherme, por ouvirem minhas lamentações constantes, por serem meus tesouros escondidos, por sempre se lembrarem de mim em meus momentos de confinamento e dedicação exclusiva aos estudos. As pessoas foram mais que amigas, me adotaram e me mimaram durante esse processo: Angela Gomes, Adriana Damasceno, Mariana, Felipe e Rosa.

Não posso deixar de recordar alguns professores do Ensino Médio que regaram uma semente: Deusdélia, minha inspiração, que me fez suspirar pelos estudos sociolinguísticos ainda no Ensino Médio; e o professor de matemática Marco César, por valorizar o meu potencial com as letras, quando eu não entendia o que era triângulo escaleno, isósceles e assim por diante.

Agradeço àqueles que se dispuseram a me acompanhar até as aldeias, me ajudando nas visitas às escolas indígenas: Wagner Abdul, Karine Albuquerque e a professora Msc. Flávia Cavalcante e professora Dra. Sônia Filiú.

É difícil encontrar palavras para agradecer ao povo Terena, que me acolheu tão bem. Sou imensamente grata ao Sérgio Reginaldo, Rodnei Eloi, Sabrina, Inésia Belisário, aos líderes Terena, a cada aluno, aos professores e diretores das escolas: Estadual indígena Cacique Ndeti Reginaldo, Natividade Alcântara Marques e Pastor Reginaldo Miguel.

Aos meus alunos, que vibravam a cada história que eu contava sobre a pesquisa, pelos momentos de aprendizagem que vocês me proporcionaram, pelo carinho e ânimo nas aulas, nos momentos em que eu mais precisava.

Pelo apoio financeiro e incentivo à pesquisa, agradeço à Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, PIBAP/UEMS.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. SOBRE O POVO E A LÍNGUA TERENA.....	15
1.1 HISTÓRIA SOBRE O POVO TERENA.....	18
1.2 INFORMAÇÕES SOBRE TRADIÇÕES.....	24
1.3 INFORMAÇÕES SOBRE A LÍNGUA TERENA.....	30
1.3.1 AS ALDEIAS DE BURITI E ÁGUA AZUL.....	36
1.3.2 ALDEIA DA LAGOINHA.....	37
2. RESUMO DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA TERENA.....	39
2.1 ORTOGRAFIA DA LÍNGUA TERENA.....	39
2.2 A METODOLOGIA DA GRAMÁTICA DE EKDAHL E BUTLER.....	42
2.3 ASPECTOS MORFOLÓGICOS E LEXICAIS.....	44
2.3.1 ASPECTOS MORFOLÓGICOS.....	44
2.3.2 OS PRONOMES EM TERENA.....	46
2.3.3 AFIXOS DA LÍNGUA TERENA.....	47
2.3.4 PREFIXOS.....	47
2.3.5 SUFIXOS.....	50
2.3.6. DERIVAÇÃO VERBAL.....	56
3. EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS.....	63
3.1 PALAVRAS DO TERENA EMPRESTADAS DO PORTUGUÊS.....	66
3.1.1. EMPRÉSTIMO COM REGISTROS DISTINTOS.....	66
3.1.2 EMPRÉSTIMO COM DESLOCAMENTO DE SENTIDO.....	70
3.1.3 REGISTROS DE EMPRÉSTIMOS DE COSTUMES E TRADIÇÕES DO OUTRO.....	74
3.1.4 EMPRÉSTIMOS PARA DESIGNAR ALIMENTOS.....	77
3.1.5 PALAVRAS PARA NOMEAR ELEMENTOS DA NATUREZA.....	84
3.1.6 NOMEAR UTENSÍLIOS E OBJETOS COM EMPRÉSTIMOS DO PORTUGUÊS.....	90
3.1.7. EMPRÉSTIMO PARA MEIOS DE TRANSPORTE.....	94
3.1.8 EMPRÉSTIMO PARA VESTUÁRIO.....	95
3.1.9 ALGUMAS VARIANTES NO LÉXICO TERENA.....	97
3.1.10 OS EMPRÉSTIMOS EM TEXTOS.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104
ANEXOS.....	107

INTRODUÇÃO

Desde a chegada dos portugueses em território brasileiro, os índios que aqui já viviam lutavam para manter sua identidade, cultura e a língua, seu maior patrimônio. Conforme aponta Gomes (2000) em seu artigo em que faz uma breve retomada a respeito extermínio das línguas indígenas brasileiras, o pesquisador afirma que nesse tempo aqui viviam mais de 900 grupos étnicos.

Os estudos das línguas indígenas brasileiras iniciaram ainda no período da colonização. No entanto, foi nessa mesma época, também, que muitas línguas se perderam devido à falta de sensibilidade dos então pesquisadores e autoridades de entenderem que a língua indígena não é única e homogênea. Dessa forma, ostentaram unificar as línguas indígenas, e simplesmente resumi-la a língua Tupi a fim de facilitar a comunicação entre colonizadores e colonizados.

Como resultado disso, durante esse processo de colonização e guerras entre os próprios povos indígenas houve o extermínio de aproximadamente 715 etnias, pois hoje restam aproximadamente 180 a 185 línguas indígenas brasileiras. É diante deste cenário esta pesquisa, objetiva contribuir para que a língua Terena tenha subsídios para se manter viva.

Assim, a partir da observação dos empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa na língua Terena, procuramos resgatar fatores relevantes que contribuam para a realização deste trabalho, ou seja, evitar o extermínio (ou o fim, ou a morte) de mais uma língua indígena.

Antes de fazermos breves observações acerca dessa língua, faz-se necessário discorrer a respeito desse povo, visto que a abordagem deste trabalho é sociolinguístico, que trata do uso da língua nas comunidades de fala.

Nesse sentido, a comunidade que investigamos é formada por índios da etnia Terena – os remanescentes da etnia Guaná, povo que vivia no chaco Paraguaio –, povo que teve uma atuação importante na Guerra do Paraguai ao lado dos índios cavaleiros, os Guaicuru. Após esse processo de guerra, eles se instalaram em torno dos afluentes do

rio Paraguai, localizados no Sul de Mato Grosso, além disso, um grupo desse povo foi transferido para viver em uma reserva indígena no interior de São Paulo.

A respeito de seus costumes, podemos afirmar que se trata de índios que têm como principal atividade de sobrevivência a agricultura, e em seus primórdios também a caça e a pesca, mas hoje, devido às mudanças nos ambientes em que vivem, não é mais tão comum estas atividades. Além disso, eles vivem em uma sociedade constituída por várias famílias que, juntas, formam uma comunidade ou aldeia, com liderança. Para sobreviver, eles tecem, produzem artesanatos e vendem frutos do cerrado nas cidades próximas às suas aldeias.

As mudanças de hábitos nas comunidades indígenas, muitas vezes se devem ao fato de que hoje eles já possuem acesso a tecnologias, tais como: televisão, internet e rede de telefonia; no entanto, essas mudanças na estrutura da comunidade, digamos que uma espécie de modernização, não altera a identidade indígena. Os seus costumes e valores permanecem, como vamos discorrer no capítulo 1 deste trabalho.

O passo seguinte, foi abordar aspectos da gramática Terena pertinentes para fundamentar esta pesquisa, assim nos valem principalmente das obras de Butler e Ekdhal, autoras das gramáticas e dos trabalhos acadêmicos que resultam em propostas de dicionário de Silva (2013) e Almeida (2005).

O terceiro capítulo trata da fundamentação teórica referente ao empréstimo linguístico, a princípio sob a abordagem de Manzollilo (2000), quando observamos que a questão do empréstimo está ligada ao contato entre línguas e a influência de uma língua, que muitas vezes possui um maior *status*.

No caso dos terena, seu maior contato é com a língua portuguesa, até mesmo por uma questão de inserção na sociedade não índia, pois o acesso à educação, à saúde e a tantas outras coisas exige que eles sejam pelo menos bilíngues, apesar de terem o direito de falar seu próprio idioma assegurado, como afirma Leite e Callou (2004) “A Constituição de 1988 assegurou às populações indígenas o direito de manter sua diversidade linguística e cultural (...)”.

Ainda no mesmo capítulo, há um princípio de análise dos dados que se tratam dos verbetes retirados dos dois dicionários que já citamos, aqueles cuja origem vem do

português. Para essa análise, primeiro fizemos o levantamento de 92 palavras emprestadas e passamos a comparar alguns registros distintos que há entre os dois dicionários para uma mesma palavra, também analisamos registros de vocábulos distintos de um trabalho para o outro, e ao final iremos a campo confirmar os usos desses empréstimos e averiguar se há outra maneira de falar, além dos registros de origem da língua portuguesa.

Em visitas anteriores as três comunidades de fala Terena, observamos que não há variação no léxico, apenas na prosódia, por esse motivo optamos por pesquisar os empréstimos do português na língua Terena.

É importante mencionar que durante essas visitas conhecemos as escolas das comunidades, citadas nesse texto, e observamos que em uma dessas comunidades o índice de falantes é maior do que nas outras duas. Outro fato é que as escolas visitadas ofertam a disciplina de língua Terena aos seus alunos, mas muitos deles não falam fluentemente essa língua. E um dos subsídios desse trabalho é mostrar a esses alunos não fluentes, que podem adquirir a língua materna estudando o vocábulo de empréstimos, já que todos eles são falantes de língua portuguesa.

1. SOBRE O POVO E A LÍNGUA TERENA

Antes de conhecer povo e a língua Terena, faz-se necessário compreender quem são os indígenas no Brasil. No período do Brasil Colônia, devido ao desconhecimento sobre esses povos e suas individualidades muito se perdeu, como o registro de línguas e o desaparecimento de falantes de etnias dizimadas. O resultado disso foi o fato de que muitos povos deixaram de falar a língua materna e abandonaram seus costumes, pois sofriam violência e abuso por parte do não índio.

Além disso, a visão que o não índio tem ainda no século XXI sobre esses povos é muito limitada. Muitas pessoas ainda acreditam que indígena é aquela figura do homem que vive caçando, pescando ou plantando mandioca, que tem como ferramentas apenas o arco e a flecha e precisa viver em ambientes naturais, como em áreas florestais.

Quando o índio não vive de acordo com o estereótipo que o não índio estabeleceu a seu respeito, muitas vezes ele é apontado como um aproveitador de “benefícios” do governo específicos para essas etnias, como a posse de terras, auxílio financeiro, escolas e sistema educacional diferenciado atendendo a questões relacionadas à língua e à cultura desse povo.

Muito desse estereótipo foi propagado na literatura indianista brasileira, por meio do escritor José de Alencar, que deixa claro a visão do europeu em suas obras: *Iracema*, *O Guarani*, *Ubirajara*. Essas obras colocam a figura do índio sob uma perspectiva idealizada e influenciada pela visão do europeu. Um estudioso da literatura fez a seguinte afirmação em seu artigo:

(...) o próprio escritor havia declarado em suas páginas sobre os povos indígenas que seu ideal era despir os índios daqueles traços grotescos que lhe haviam colocado os europeus em seus diários de viagens. Portanto, seu índio era um personagem de romance, belo, idealizado, forjado para ser símbolo de uma nacionalidade que estava em construção. (CÂNDIDO, 2010, p. 106-107)

Essa identidade indígena é, na maioria das vezes, ocultada pela maioria da

população brasileira; muitos têm orgulho de afirmar descendência europeia, mas não se reconhecem como descendentes de indígenas. Ao tentar compreender os índios, precisamos nos despir desses conceitos idealizados e olhá-los por eles mesmos, sem fazer comparações com outras culturas e valores. Muitos pensam o índio como um ser grotesco e primitivo, no entanto, é preciso pensar que existem contextos e realidades em que determinadas etnias ainda vivem de maneira que o não índio considera primitivo. Não é de hoje essa “dificuldade” do não índio compreender e tratar os povos indígenas como tais, e não somente isso, mas há ainda um desinteresse por tratar-se de povos e culturas minoritárias desprestigiadas, algo que ainda resiste desde a chegada dos europeus no Brasil. Uma das formas de verificar que esses povos se diferem entre si, é por meio da língua. Sendo assim, vê-se a necessidade de averiguar questões a cerca da extinção de línguas indígenas brasileiras.

Nesse sentido, a respeito do desaparecimento de povos e línguas indígenas no descobrimento do Brasil, observe a afirmação:

É provável que na época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, há quase quinhentos anos, o número das línguas indígenas fosse o dobro do que é hoje. A redução teve como maior causa o desaparecimento dos povos que as falavam, em consequência das campanhas de extermínio ou de caça aos escravos, movidas pelos europeus e por seus descendentes e prepostos, ou em virtudes das epidemias de doenças contagiosas do Velho Mundo, deflagradas involuntariamente (em alguns casos voluntariamente) no seio de muitos povos indígenas; pela redução progressiva de seus territórios de coleta, caça e plantio e, portanto, de seus meios de subsistência, ou pela assimilação, forçada ou induzida, aos usos de costumes dos colonizadores. Naturalmente, o maior número de línguas indígenas desapareceu nas áreas que foram colonizadas há mais tempo e mais intensamente, constituídas pela região Sudeste e pela maior parte das regiões Nordeste e Sul do Brasil. (RODRIGUES, 2002, p. 19)

O extermínio de línguas indígenas não se deu somente pelas doenças, guerras e violência sofrida por parte do colonizador, mas também pelo contato e pela tentativa de homogeneização das línguas indígenas com o uso do Tupinambá (também citada como Língua Brasília na literatura), ou Tupi.

Sobre as duas nomenclaturas, Rodrigues (2002, p. 100) aponta pequenas diferenças entre elas; a primeira refere-se a uma língua que aparece no século XVIII e era distinta por ser língua da etnia Tupinambá, também utilizada pela população mestiça na região do Pará, considerada um tipo de língua vulgar. Já a segunda é denominada Tupi, que passou a ser utilizado no século XIX, quando os falantes da língua anterior, em sua maioria, haviam desaparecido. No entanto, segundo o autor, no século XVI, a outra nomenclatura é Língua Brasília que foi aprendida pelos portugueses, ainda sobre esta língua há a seguinte informação: “[...] Como grande parte dos colonos vinham para o Brasil sem mulheres, passaram a viver com mulheres indígenas, com a consequência de que a Língua Brasília (isto é, o Tupinambá) veio a ser a língua materna de seus filhos.” (Rodrigues, 2002, p. 101). Essa convivência dos colonizadores com indígenas por meio do uso de uma língua em comum foi um dos fatores que os levaram a tentar uma homogeneização das línguas indígenas, no entanto, percebemos, também, que essas relações contribuíram para que o Tupi fosse ensinado às outras gerações.

Nesse sentido, a língua materna de um povo é necessária para ajudar a preservar sua cultura, além de ser um meio de resistência contra a imposição cultural do não índio, uma imposição velada, mas que acontece, pois aquelas etnias que vivem próximas à população de não índios necessitam, em seu cotidiano, utilizar a língua oficial do Brasil – o Português – por uma questão de sobrevivência. Afinal, raramente um não índio conhece a língua do índio para estabelecer uma comunicação.

E não somente isto, mas a questão do índio necessitar utilizar a Língua Portuguesa, a segunda língua, constantemente para estabelecer suas relações é algo mais complexo do que se imagina, visto que o acesso à escola e à alfabetização nem sempre ocorre em sua língua materna. Mesmo quando a língua materna é utilizada no ambiente familiar e escolar, outras dificuldades surgem ao longo do tempo para este índio, como dominar duas línguas completamente diferentes e o de não abandonar o uso da língua materna devido à pressão do trabalho e o acesso a uma sociedade que desvaloriza o modo de falar de uma minoria.

Assim ocorre, por exemplo, com o Guarani, falado na fronteira do Mato Grosso do Sul com o Paraguai. Muitos turistas que se deslocam para aquele local não gostam do

fato de lidarem com comerciantes que não dominam a Língua Portuguesa, que falam entre si em uma língua distinta, e poucos brasileiros que vivem nessa localidade se interessam em aprender o Guarani para melhor comunicar-se com os paraguaios – um dos motivos é por não se tratar de uma língua de prestígio como, por exemplo, a língua inglesa.

Ao pensar de forma sucinta em todas essas questões, quando Rodrigues afirma: “(...) os índios no Brasil não são um povo: são muitos povos diferentes de nós e diferentes entre si (...)” (2002, p.17), percebemos a necessidade de relatar aspectos culturais das etnias, na qual a língua é o objeto de investigação, Talvez por esse motivo, muitos ainda acreditam que pesquisar línguas indígenas é um trabalho um tanto sociológico e antropológico, no entanto, não só quando se refere a etnias indígenas, mas ao investigarmos uma língua, ou determinado modo de falar de um grupo, faz-se necessário averiguar os fatores sociais dessa comunidade de fala. Nesse sentido, entende-se a importância de contextualizar quem é o índio Terena, bem como sua cultura e língua.

1.1 HISTÓRIA SOBRE O POVO TERENA

Ao iniciar o estudo sobre a língua de um povo, primeiramente é necessário debruçar-se sobre a história dessa etnia. Assim, a história externa de uma língua aborda principalmente questões sociolinguísticas (Faraco, 1998, p. 37), o que trata de uma do contexto que visa a recuperar o cotidiano das populações.¹

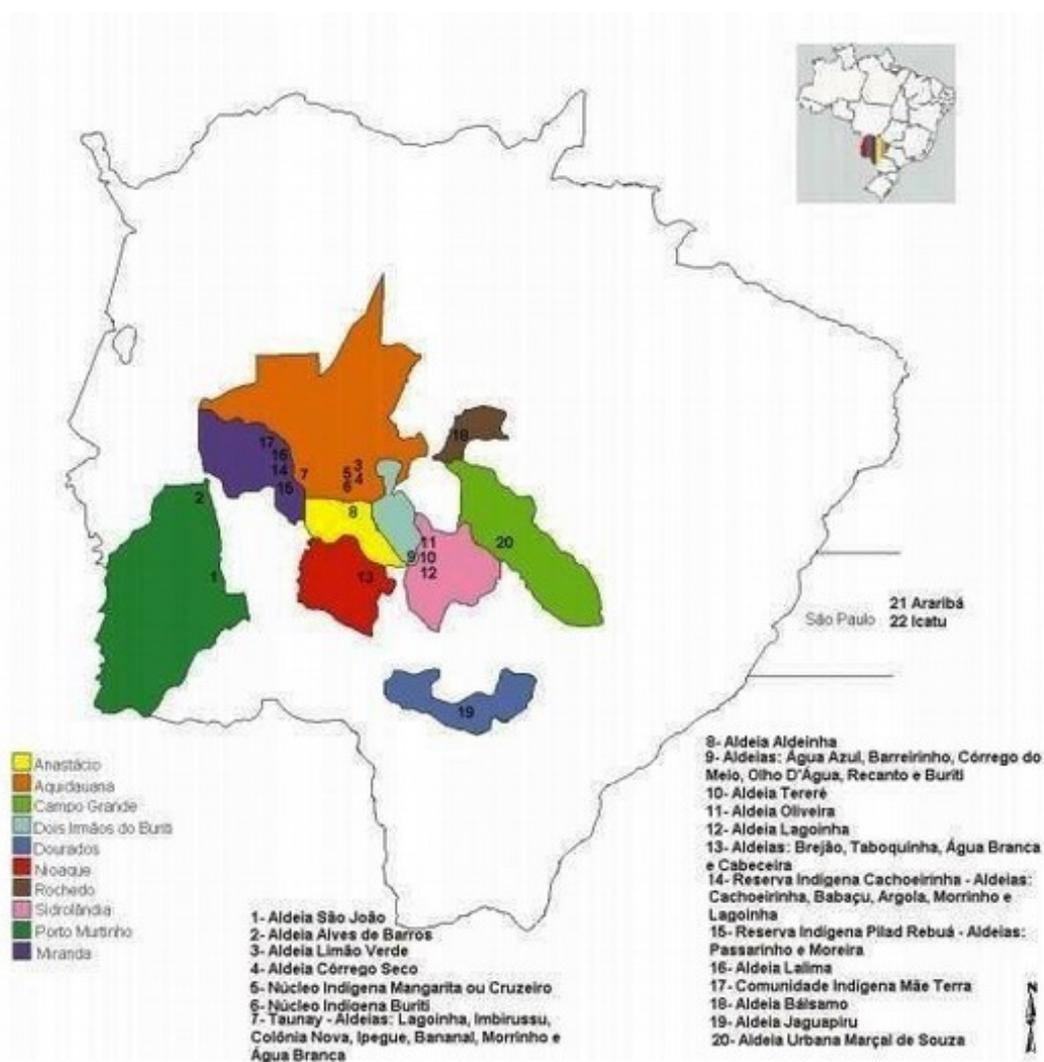
A etnia Terena está, em sua maioria, localizada no estado do Mato Grosso do Sul, na região Centro-Oeste do Brasil, mas também existem Terenas que vivem na reserva indígena Araribá. Segundo Diniz (1976, p. 7), eles foram de Mato Grosso para a região de São Paulo incentivados pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), por volta de 1932. Sobre esse fato, o Instituto Socioambiental² afirma que essa mudança foi feita

1 Parágrafo baseado em nosso artigo publicado sobre esta pesquisa, intitulado “Mudança morfológica na língua Terena: uma abordagem historiográfica.” Disponível em CADERNOS DO CNLF, VOL. XVIII, Nº 04 – DIACRONIA E HISTÓRIA.

2 Informação disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/terena/1040>>. Acesso em 13 de julho de 2015.

pelo SPI com a finalidade de que os Terena fossem “exemplo” para os índios locais da reserva, principalmente nas práticas agrícolas e na “obediência” aos funcionários desse órgão público.

Dados do último Censo do IBGE (2010) apontam que os Terena somam uma população de aproximadamente 28.845 pessoas em todo o Brasil, enquanto o número de falantes é de aproximadamente 20.000. Utilizando os mesmos dados, Rodrigues (2013, p. 29) aponta que esses falantes vivem no Mato Grosso do Sul, no entanto, no site do IBGE esses dados são apontados como uma etnia que está presente em MT, MS e SP. Para melhor ilustrar segue o mapa, retirado de Rosa (*apud* Marques. 2010, p. 38), de Mato Grosso do Sul, indicando as aldeias presentes no Estado.



Com esses dados chegamos a conclusão de que mesmo que haja pessoas dessa etnia em outras regiões do Brasil, as comunidades desse povo estão em massa no MS. Sendo assim, os Terena estão divididos em 35 comunidades em diferentes cidades. De acordo com Rosa, são elas:

Em Aquidauana, na estrada de Cipolândia, entre morros do Amparo e Vigia, na serra de Santa Bárbara, localizam-se as comunidades Limão Verde e Córrego Seco e os núcleos de famílias indígenas Cruzeiro ou Mangarita e Buriti. No Distrito de Taunay, localizam-se as comunidades Lagoinha, Imbirussu,

Colônia Nova, Ipegue, Bananal, Morrinho e Água Branca. Em Anastácio, existe uma comunidade urbana, a aldeia Aldeinha. Em Dois Irmãos do Buriti localizam-se as comunidades indígenas Água Azul, Barreirinho, Buriti, Córrego do Meio, Olho D'água e Recanto. Em Sidrolândia, situam-se Tereré, Oliveira e Lagoinha. Em Nioaque localizam-se as comunidades Brejão, Taboquinha, Água Branca e Cabeceira. Em Miranda, na reserva indígena de cachoeirinha, estão as comunidades Cachoeirinha, Babaçu, Argola, Morrinho e Lagoinha; próximas à zona urbana do município de Miranda, nas terras indígenas de Pilad Rebuá, estão as comunidades Passarinho e Moreira. A 50 km do município de Miranda, localiza-se a comunidade Lalima. Em Dourados, encontra-se a comunidade Jaguapiru. Em Rochedo, localiza-se a comunidade Básalmo. Em Campo Grande, localiza-se a comunidade urbana Marçal de Souza. (Rosa, 2010, p. 37)

Ao averiguar a localização atual do povo Terena, precisamos voltar aos conflitos anteriores, às guerras e à resistência para compreender por que eles estão tão distantes do seu lugar de origem.

O que se sabe sobre a história do povo Terena é que a sua origem está ligada a vários outros povos indígenas, inclusive dos europeus, dos africanos e seus descendentes (Bittencourt e Ladeira, 2000, p.11). A proposta da origem ligada a diversas etnias diz respeito ao fato dos contatos que o povo Guaná teve com europeus ainda no Chaco Colonial. De acordo com Castro (2011, p. 1), essa etnia era a maior dessa região naquele período. A socióloga ainda aponta que os primeiros europeus chegaram à América Meridional por volta do século XVI, essa constatação foi feita pela pesquisadora por meio de narrativas do espanhol Alvar Nuñez Cabeza de Vaca e o diário de Ulrich Schmidl.

O contato dos Terena com os africanos provavelmente ocorreu no período da Guerra do Paraguai, momento em que a mão de obra era basicamente escrava e indígena, e provavelmente esse contato se deu com escravos negros da região da Bahia. Sobre esse fato, o historiador aponta Félix Júnior a partir de narrativas de acontecimentos da guerra que direcionam para a participação dessa etnia nesse processo histórico: “Última estratégia utilizada pelo Império para complementar os efetivos do Exército e da Armada foi a de mobilizar escravos que pudesse ser aproveitados nos

serviços para a guerra.” (2011,p. 388), é possível que a partir desse pressuposto que parte a afirmação de Ladeira e Bittencourt (2000) a respeito da ligação dessas etnias na origem do povo Terena. O que se sabe é que ambas as etnias lutaram por seus ideais, pois os negros tiveram a promessa de alforria com o trabalho durante a guerra e os índios lutaram com a finalidade de preservarem suas terras.

Há várias versões da história desse povo. Vejamos algumas delas: a primeira versão foi relatada pelo professor Rafael para os organizadores do livro “*Os Terena da Aldeia Buriti: Saberes e Fazeres*”. De acordo com o professor, a história lhe foi transmitida pelo seu avô Sr. Argemiro Pinto, da aldeia Buriti. Observe:

No passado, quando não havia gente no mundo, então brotaram da terra duas pessoas. Estavam nuas e encolhidas por causa do frio. Elas pegaram em duas coisas. Uma pegou no ferro e outra pegou no porungo³. A que pegou o ferro deu origem ao povo branco, este ficou rico por causa do ferro. A que pegou o porungo deu origem ao povo Terena, que não enriqueceu, pois não teve nada por causa do porungo. (VARGAS et al, 2011, p. 10)

Sobre o “mito”, o livro do qual retiramos esse relato de tradição oral traz o seguinte esclarecimento sobre o pensamento da comunidade Terena em relação a essas histórias: “Para a comunidade da Aldeia Buriti, mitos são entendidos como histórias contadas pelo povo que, apesar de não registradas, são transmitidas por gerações.” (Vargas et al, 2011, p.10). Já para pesquisadores, mito seria: “O mito sobre como os Terena foram criados pode ser contado de várias maneiras. As diferenças entre as versões narradas estão ligadas ao momento e à situação vivida pelo povo quando contam essa parte da sua história.” (Ladeira e Bittencourt, 2000, p. 22). Sendo assim, estudiosos consideram mitos as narrativas contadas pelo povo a respeito do surgimento de sua etnia, além disso, é considerado “mito”, pois as versões da história varia de uma comunidade para outra, mesmo sendo da mesma etnia.

3 Porungo, encontrado nos dicionários como Porongo, é um elemento da natureza, segundo o *Dicionário Michellis online* e *Caldas Aulete*, é uma espécie de cabaça, fruto do porongueiro. Definição da palavra disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portuguesepalavra=PORONGO>> e <<http://www.aulete.com.br/PORONGO>>. Acesso em 26 de julho de 2015.

Sobre uma das versões apresentadas desse mito no presente trabalho, é importante destacar que o índio Terena relata que escolheu um fruto da terra, um artifício que não lhe traria riqueza material. Quando se convive com pessoas dessa etnia, percebe-se que elas não dão mais importância aos elementos materiais do que para a família e a comunidade de modo geral.

Conforme explica Vargas et al (2011, p.10), essas histórias foram coletadas de memórias do século XVIII e são as mais propagadas nos trabalhos científicos. Essa versão afirma que os Terena descendem dos Guaná, população que vivia antigamente no Êxiva ou Chaco. Segundo os pesquisadores do livro que coletamos o mito citado anteriormente, o chaco trata-se de uma região plana e alagada próxima ao rio Paraguai, pelos relatos encontrados podemos compará-lo ao Pantanal sul-matogrossense.

Para uma melhor compreensão da ligação entre o povo Guaná e os Terena, também conhecidos como o povo Guaná da atualidade, pode-se dizer que eles são os remanescentes desse povo na região brasileira não só pela história, a sua localização antiga e a atual, mas também pela semelhança da língua Terena com a língua Guaná, em que citaremos exemplos no tópico adiante.

O povo Terena é considerado remanescente do povo Guaná, graças ao período da conhecida Guerra do Gran Chaco, ou Guerra do Paraguai. Esse processo aconteceu quando as colônias espanholas, ao se libertarem, formaram vários países. Segundo Bittencourt e Ladeira (2000, p. 55), foram eles: Argentina, Uruguai, Bolívia e Paraguai. Foi nesse período que iniciaram os conflitos entre os países que estavam em torno dos rios Paraguai, Paraná e da Prata; dentre eles, o Paraguai era um dos países mais poderosos da época. De maneira sucinta, pode-se dizer que a Guerra do Paraguai teve início visando a controlar a navegação pelo rio Paraguai, a iniciativa foi do governo paraguaio ao fazer o primeiro ataque, fizeram a ocupação do forte de Coimbra até ir em direção aos rios Aquidauana e Miranda. Os índios entram nesse cenário quando o Brasil recorre à tríplice aliança, feita entre Brasil, Argentina e Uruguai. Então o governo brasileiro também convoca os índios do até então Mato Grosso para o combate. Sobre esse fato, as pesquisadoras afirmam:

O governo brasileiro também chamou índios de Mato Grosso

para combaterem os paraguaios. Os Guaicuru lutaram ao lado do exército brasileiro, enquanto os Terena, que sempre foram grandes agricultores, além de enfrentar o exército paraguaio, também participaram da guerra fornecendo alimentos para os combatentes. (Bittencourt e Ladeira, 2000, p. 56)

Durante esse processo, escravos negros também fizeram parte das tropas. De certo modo, pode-se entender que os índios também foram escravizados, afinal, eles se utilizaram de suas técnicas de sobrevivência que foram de suma importância para a vitória nessa guerra. Foi no período da chamada “Lei da terra” que muitos índios tiveram suas terras tomadas e vendidas em leilão, e um dos motivos desse acontecimento foi o fato desses índios não serem “selvagens”, pois eram considerados índios civilizados ou índios mansos (Bittencourt e Ladeira, 2000, p. 76).

Diante desses conflitos que se passaram em territórios em que os povos Guanã viviam, percebemos que a Guerra do Paraguai tem a sua importância ao ser lembrada para falarmos do povo Terena, pois foi nesse período que eles, acuadaos, foram em direção às cidades de Aquidauana e Miranda, onde ainda hoje muitas comunidades estão situadas. As pesquisadoras Bittencourt e Ladeira (2000, p. 76) afirmam que foi após a guerra, por volta de 1870, que eles começaram a retornar para suas aldeias de origem, no entanto, elas estavam destruídas. Observe as consequências da guerra para o povo: “Os Terena haviam lutado para garantirem os territórios que ocupavam, mas este direito não foi garantido pelo governo brasileiro e a vida do povo Terena seria, a partir daí, bem diferente.” (Bittencourt e Ladeira, 2000, p. 76). Portanto, com o relato dessa mudança após a tomada das terras dos Terena compreendemos que elas fazem parte da sua cultura.

1.2 INFORMAÇÕES SOBRE TRADIÇÕES

O povo Terena é uma etnia que valoriza a terra e não vive sem ela. O povo pertence a ela, faz parte daquilo que são, pois mesmo quando eram forçados ao trabalho “pesado” durante a Guerra do Paraguai, se mostravam muito mais habilidosos com a

agricultura.

Os auxiliares índios, Guaicurus e Terenas, não foram os últimos a se apresentar para o saque. Tão pequena disposição para o combate haviam mostrado que, na nossa carreira, ao lhe tomarmos a frente, lhes bradávamos: Vamos! Avante! Valentes camaradas! Agora se lhes transmutara a indolência num ardor sem limites para o saque. Já se haviam disseminado pelas roças de mandioca e de cana, de lá trazendo, imediatamente, cargas sob as quais vergavam, sem, contudo, encurtar o passo. (TAUNAY.s/d, p.28)

Esse é um relato que demonstra um pouco de como os não índios reagiam e talvez ainda reajam diante das diferenças no modo do índio trabalhar, nesse caso da guerra e pelo que é narrado entende-se que o que se esperava era que os Terena trabalhassem ao modo do não índio, com muita rapidez e uma perfeição, que nessas condições de guerra e de exploração nem um não índio, que muitas vezes considera-se superior, conseguiria desempenhar tal função de maneira impecável.

Voltando à questão da relação do índio com a terra, ela é considerada fundamental para o seu desenvolvimento e por fazer parte de sua cultura. A respeito disso temos a afirmação:

O território é fundamental para os índios Terena, local de produção e reprodução cultural e econômica. Assim, compreender alguns de seus aspectos culturais é fundamental, torna-se necessário, para entender a manutenção de sua identidade étnica, que se pode dizer esta vinculada também com a sua memória. (OLIVEIRA E VARGAS, s/d, p. 4)

É importante lembrar que a atuação dos Terena durante a Guerra do Paraguai teve o objetivo de proteger e garantir a posse de suas terras, no entanto, ainda hoje eles seguem lutando, pois as promessas feitas por parte do governo da época não foram cumpridas.

A respeito dos aspectos culturais, temos a expressão dos mesmos por meio da arte: o canto, a dança e a música são utilizadas sempre para recepcionar visitantes em

suas comunidades. Dentre as datas e festividades mais importantes está a semana do dia 19 de abril de cada ano, em que as comunidades relembram os embates vividos por seus ancestrais, traçam novos objetivos políticos, além de aproveitarem para ensinar aos mais novos a importância de sua identidade, dos seus costumes e também da língua.

A respeito desses aspectos da arte dos Terena, Oliveira e Vargas (s/d. p.4), em entrevista com o índio Terena Eliseu Lili, os pesquisadores coletaram os seguintes relatos sobre a dança da “Ema”, que, segundo os mesmos, é conhecida pelos não índios de forma um tanto pejorativa, como dança do “bate-pau”, justamente por não compreenderem seu significado.

Alguns velhos da nossa comunidade [contam] que essa dança surgiu devido a um sonho que o Pajé teve, ele sonhou e viu alguém apresentando essa dança no sonho, e ele adotou essa dança e levou essa dança pra sua comunidade aí surgiu a dança da ema foi assim que surgiu a dança da ema Kipaé. (ENTREVISTA ELIZEU LILI *apud* OLIVEIRA E VARGAS, 2007, p. 4-5).

O relato conta a origem da dança a partir de memoriais que os seus anciões da comunidade transmitem às gerações mais novas. Essa é a forma que os Terena mais utilizam a fim de que seus costumes não se percam, sobretudo na semana em comemoração ao dia do índio, quando os visitantes podem observar que participam da dança desde crianças até os adultos, para que a tradição se perpetue. Especificamente no caso da dança da ema “Kipaé”, ela é feita por crianças ou adultos do sexo masculino; a dança das mulheres é a Siputrena, da qual também participam crianças e adultos. Com relação aos materiais utilizados para as apresentações, Lili explica:

As tintas que usamos são extraídas do buriti e do urucum, que são as cores vermelha e preta. Os colares são variados, feitos com sementes, dentes, ossos e unhas de animais. As saias são fibras resistentes e flexíveis das folhas do buriti, planta nativa do pantanal. (LILI *apud* OLIVEIRA E VARGAS, 2007, p. 5)

Esses são alguns dos ornamentos utilizados para a celebração com danças, tanto para mulheres quanto para homens. Já com relação aos instrumentos musicais, eles são

artesanais, como a flauta e o tambor que acompanham toda a dança. Lili explica aos pesquisadores que o primeiro instrumento, também chamado de “pife”, é utilizado para iniciar a música, é feito de bambu; já o outro instrumento, denominado “caixa”, é produzido com couro de animal e madeira (Lili apud Oliveira e Vargas, 2007, p. 5-6).

A dança é acompanhada por cada toque e ritmo dos instrumentos. No caso da dança masculina, há sete partes diferentes e os comandos são alternados, a voz do cacique durante a dança, Uma das partes dessa dança que nos chama a atenção são os passos realizados com “taquaras de bambu”, que possuem o seguinte significado:

(...) segundo Elizeu Lili, 2007, é nesse momento que existe a representação da guerra, porque são duas alas, cada uma delas representa um povo guerreiro, estão fazendo uma demonstração de como eram usadas as suas armas, não significando que era a Guerra do Paraguai, mas sim as guerras que existiam entre os povos indígenas. (LILI apud OLIVEIRA E VARGAS, 2007, p. 6).

Mesmo o indígena afirmando que o objetivo desses passos na dança não era representar especificamente a Guerra do Paraguai, ainda assim passou a ser associada a este evento após o seu acontecimento. Segundo os estudiosos, essas danças são representações milenares e são uma forma dos Terena contarem sua história por meio da arte (Oliveira e Vargas, s/d, p. 7).

Além da dança como parte do patrimônio cultural dos Terena, faz parte também a arte das cerâmicas, produzida pelas mulheres da etnia, e uma das principais características no processo de criação dessas peças é a forma como a argila é queimada, sobre isso há a seguinte explanação:

O processo de queima é realizado em buracos feitos no chão, geralmente nos fundos das casas das mulheres terena. Como cultura milenar, a confecção das cerâmicas terena segue o calendário lunar e está pautada em várias regras. (CASTILHO et al, 2010, p. 231)

Além disso, as autoras também afirmam que essa é uma técnica milenar utilizada

pelas índias e as regras são seguidas com rigor para que as peças alcancem a perfeição. Em 2009, foi sancionado um decreto que registrou a cerâmica Terena como um patrimônio imaterial (idem. 2010, p. 233). As pesquisadoras ainda salientam que essa foi uma forma que o governo sul-matogrossense encontrou de perpetuar e proteger os conhecimentos sobre a produção das cerâmicas e parte da cultura desse povo. Essa também é uma forma de sustento que os indígenas têm, pois grande parte das obras é destinada para vendas, por isso, não é difícil encontrar esse tipo de artesanato nas estradas do Mato Grosso do Sul e em lojas de artesanatos.

Alguns dos costumes que permanecem no cotidiano Terena, apesar das mudanças e influência da cultura do não índio, estão a limpeza das casas. Não é difícil passar de uma comunidade a outra e notar os quintais varridos, ao olhar as mangueiras percebe-se que todos os dias ao redor da árvore as folhas são recolhidas, além disso, o ato de tomar banho é algo que faz parte do cotidiano dos Terena, cada pessoa faz isso várias vezes ao dia. A respeito do cuidado com as roupas há o seguinte registro:

É também comum a todos os índios do distrito o hábito da mais apurada limpeza: lavam o corpo de três a quatro vezes por dia; quer faça calor ou frio ou haja bom ou mau tempo. As mulheres cuidam muito da alvura dos panos e procuram sempre andar muito limpas. (TAUNAY *apud* BITENCOURTT E LADEIRA, 2000, p. 110)

Esse é o relato do viajante, no qual o nome não é citado, apresentado pelas pesquisadoras. Esse fato foi observado na comunidade de Taunay, porém quando se faz visitas às aldeias pode-se observar que esses costumes permanecem, tanto na comunidade Lagoinha de Taunay, quanto nas comunidades Buriti e Água Azul, no município de Dois Irmãos do Buriti.

Já com relação aos relatos de Altenfelder, citado pelas autoras, a respeito das casas na comunidade Cachoeirinha, tratam-se de casas de duas águas, que possuíam um teto de palha e paredes de pau a pique (Bitencourtt e Ladeira. 2000, p. 110). O registro é datado do ano de 1942; nesse caso há uma mudança nítida, com relação à construção das casas, que hoje são mais modernas, mas “(...) As roças, *cované*, eram feitas por de-

trás das casas.” (idem. 2000, p. 113), e as plantações continuam sendo feitas no quintal. No entanto, com relação à organização social de cada comunidade, há a seguinte explicação:

Em cada casa viviam várias famílias obedecendo a um chefe. Os Terena habitavam aldeias, *oneo*, onde as casas se distribuíam em círculo ao redor de uma praça central *none-ovocuti*. Não havia distinção especial no tocante à casa do chefe da aldeia, nem parece ter havido distribuição especial com referência à localização das metades tribais (Xumono e Sukirikiano). A aldeia constituía uma unidade política, mas a unidade econômica era a família (a qual abrangia pais, filhos, genros e escravos); a posse de escravos, os Kauti, significava auxílio na guerra e no preparo das plantações. (BITENCOURT E LADEIRA, 2000, p. 114)

Com relação a essas organizações, o que se pode perceber é que as casas próximas umas das outras são formadas por uma só família. Permanece a questão de não haver distinção do prestígio material de uma liderança com relação ao restante da população. E o fato de viverem em comunidade faz com que eles sintam que a terra, os quintais, os frutos pertencem a todos que habitam naquele lugar. Um exemplo disso é o fato de um vizinho poder entrar no seu “quintal” e colher frutas, pois é algo que está ali para ser compartilhado, pois a ideia do individualismo não é algo comum na cultura Terena.

Com relação a costumes do cotidiano, sabemos que muito pode ter sido alterado, pois cada dia mais o povo Terena tem contato com o não índio, acesso à educação e costumes que antes não eram os seus, mas que passam a agregar e fazer parte do seu cotidiano, como por exemplo, as partidas de futebol no momento de lazer e o acesso a tecnologias, tais como: internet, telefonia móvel e tantas outras, tecnologias essas que até há pouco mais de 20 anos também não faziam parte da vida de muitos não índios. O fato é que mesmo com as transformações no dia a dia nas comunidades terena, existem costumes que fazem parte da identidade dessa etnia; e não é por que hoje vivem em casas de alvenaria ou com acesso à tecnologia que deixam de lado esses elementos culturais.

Os diferentes contatos que estabeleceram no decorrer de sua história com povos diversos como os Guaicuru, portugueses e brasileiros fez com que muitos costumes e hábitos de vida tenham

se transformado. O trabalho e as relações com a terra e seus produtos, as construções das casas, as vestimentas, os alimentos e muitos outros hábitos do cotidiano têm mudado. Mas existem características de vida que são mantidas e permanecem, comprovando a resistência dos Terena em manter sua identidade como povo. (BITENCOURTT E LADEIRA, 2000, p. 107)

As estudiosas citadas já tinham essa percepção na mudança do cotidiano Terena já nos anos 2000. Quinze anos se passaram e as transformações no meio das comunidades dessa etnia continuam, porém os elementos essenciais, costumes cotidianos, a dança, a arte e a língua seguem fazendo parte do patrimônio cultural desse povo.

1.3 INFORMAÇÕES SOBRE A LÍNGUA TERENA

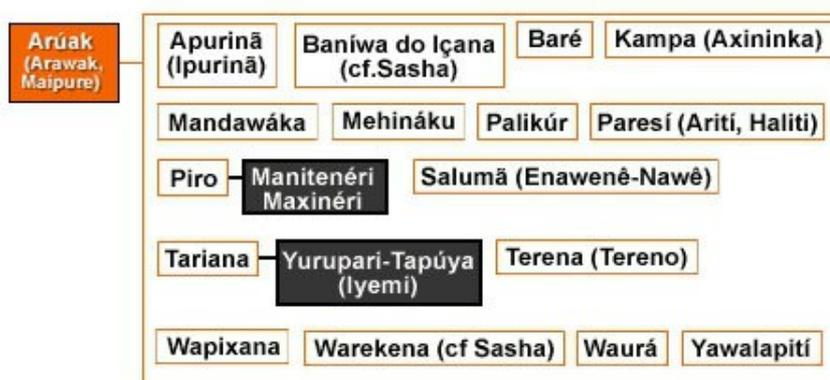
As línguas indígenas brasileiras estão divididas em troncos linguísticos e famílias, e os dois grandes troncos das línguas indígenas brasileiras são o Tupi e o Macro-Jê. Já as famílias linguísticas são aproximadamente vinte, dentre elas está a família Aruak, à qual pertence a língua Terena, objeto deste estudo. Segundo a classificação feita por Rodrigues (2002), essa classificação possui o intuito de reunir línguas que possuem a mesma origem:

A classificação científica das línguas é de natureza genética: incluem-se em uma mesma classe de línguas para as quais há evidências de serem provenientes de uma mesma língua ancestral, analogamente à situação das línguas românicas ou latinas, que provêm do latim falado na Europa ocidental há cerca de 2.000 anos. Um conjunto de línguas que compartilham assim a mesma origem é o que tecnicamente se chama uma *família linguística*. (RODRIGUES, 2005, p. 35)

Nesse sentido, a língua Terena faz parte da família Aruak, que é um desses conjuntos de línguas. De acordo com as pesquisas de Rodrigues, há línguas indígenas que pertencem a essa mesma família linguística tanto no Brasil como em países vizinhos:

Aruák ou Aruwák (o que não é a mesma coisa que arawá) é o nome de uma língua falada na costa guianesa da América do Sul, na Venezuela, na Guiana, no Suriname e na Guiana Francesa (...) outras línguas da família Aruák se acham mais ao sul, por um lado no nordeste amazônico da Bolívia; por outro lado, no oeste de Mato Grosso, e no Brasil central no alto Xingu. A língua desta família falada mais ao sul é o Terena, a leste do rio Paraguai, em Mato Grosso do Sul. (RODRIGUES, 2002, p. 65).

Assim, essa família soma um total de 18 línguas e caracteriza-se por uma das maiores famílias de línguas indígenas brasileiras. Observe na imagem do Instituto Socioambiental:



4

Os povos pertencentes à família Aruák estão situados em quatro regiões diferentes no Brasil. Essas etnias, a princípio, falavam a língua Aruák, e há relatos de que na Bolívia ainda existe uma comunidade que preserva essa língua até os dias atuais o grupo de, como o Moxo, de acordo com Bittencourt e Ladeira (2000, p.18). Ainda segundo as pesquisadoras, essas línguas possuem diferenças entre si, mas a principal semelhança entre eles é a língua de origem. Além dessa característica, outras são mencionadas:

Todos estes grupos indígenas que falam a língua Aruák têm diferenças entre si, mas possuem uma mesma língua de origem. Além desta proximidade que indica uma origem comum, estes

4 Quadro coletado do Instituto Socioambiental. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/trancos-e-familias>>. Acesso em 28 de julho de 2015.

grupos têm semelhanças na forma de sua organização social. Todos esses grupos possuem ou possuíram formas de organização internas características, sendo tradicionalmente agricultores e conhecedores das técnicas de tecelagem e cerâmica. (BITTENCOURT E LADEIRA, 2000, p.18)

Por esses fatos que a língua Terena faz parte dessa família, pois como vimos no tópico a respeito da cultura dessa etnia, em muito se assemelham as características descritas pelas pesquisadoras. Observamos ainda que mesmo com mudanças no ambiente das aldeias e na estrutura das moradias, a fabricação de cerâmicas e a agricultura são tradições que permanecem.

Sabendo a respeito da família linguística, podemos partir para um breve histórico da língua Terena. Para isso, no entanto, é preciso falar da contribuição dos missionários no processo de descrição da língua, pois muito do material que encontramos para o estudo desta língua foi, em sua maioria, elaborado pelos chamados “missionários-linguístas”, que foram os pioneiros no estudo e na descrição linguística dessa língua. Essas pessoas, em sua maioria na década de 1950 e 1960, eram missionários americanos com formação em linguística que vieram ao Brasil, enviados, a princípio, pela Sil-Internacional⁵; após 50 anos de trabalho a instituição já possui um site em português com publicações em língua portuguesa.⁶ Mesmo se tratando de uma associação de pesquisadores voluntários, é importante dizer que a instituição sempre teve convênio com universidades brasileiras, tais como UNB e UNICAMP, contribuindo também para as pesquisas acadêmicas das línguas indígenas brasileiras.

Antes da vinda da SIL, já havia cursos de linguística em programas de Letras no Brasil. O primeiro professor dessa disciplina, em solo nacional, foi Joaquim Mattoso Câmara Jr., que iniciou sua atividade docente na antiga Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, em 1938 (Mattoso Câmara 1975: VIII). A partir de 1948, principiou cursos sistemáticos de linguística na

5 Summer Institute of Linguistics, rebatizada em português como Sociedade Internacional de Linguística. Ela possui uma versão nacional, que é a ALEM, Associação de Linguística Evangélica Missionária.

6 Definição que a instituição coloca sobre si no site: A SIL começou seu trabalho no Brasil em 1956, a convite do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Serviço de Proteção ao Índio – SPI – que viria a se tornar a Fundação Nacional do Índio. O site para acesso a mais informações: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/>>. Acesso em 1º de agosto de 2015.

Universidade do Brasil (id.). Apenas em 1960, tem-se notícias de um outro curso de lingüística no país, oferecido na Universidade do Paraná (ib.). Em dezembro de 1962, o curso de lingüística passou a ser obrigatório nos programas de Letras do Brasil (ib.).

(...) Depois da chegada da SIL, um dos marcos iniciais para o estabelecimento definitivo da lingüística no Brasil deu-se com a criação, em 1961, do Setor de Lingüística no Departamento de Antropologia do Museu Nacional, pelo mesmo Joaquim Mattoso Câmara Jr., mas nesse caso com a participação ativa da SIL (Franchetto 2000:165). (SOUZA. S/d, p. 2-3)

Nesse sentido, Souza aponta um breve histórico do início das pesquisas lingüísticas no Brasil e a contribuição dos estudiosos filiados a SIL, além de se doarem e conviverem com etnias pelo interior do Brasil, alfabetizando e construindo escolas, como foi o caso do processo de alfabetização das aldeias Terena, da região de Taunay e Miranda-MS. Nesse caso específico, os missionários foram também os primeiros pesquisadores e os que tiveram contato com essa etnia após o processo de guerra.

Os trabalhos acadêmicos e pesquisas feitos a respeito da língua Terena possuem, quase que em sua totalidade, como base e suporte teórico a gramática elaborada pela SIL Brasil – Sociedade Internacional de Linguística, uma missão cristã protestante que atua com a tradução da Bíblia para línguas minoritárias. A primeira edição dela foi em 1979 e, segundo informações contidas no livro, em 2012 teve a ortografia revisada para a publicação da edição online neste mesmo ano.⁷ Sobre o interesse desse grupo nas pesquisas há a seguinte afirmação:

No passado as informações e dados lingüísticos sobre as línguas indígenas brasileiras pertenciam ao registro dos etnógrafos, principalmente no século XIX, e as obras jesuíticas a um passado ainda mais remoto. Queremos dizer que os primeiros contatos científicos com as línguas indígenas foram feitos através de missionários nos tempos da colonização, com grande repercussão para os estudos da atualidade. (GOMES, 2009, p. 2)

⁷ A gramática está disponível para download no site da Associação. O volume 1 está disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcns/educ/AprTE-V1.pdf>>. Acesso em 29 de julho de 2015. Volume 2. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcns/educ/AprTE-V2.pdf>>. Acesso em 29 de julho de 2015.

Essa característica do interesse dos missionários por línguas indígenas não é algo recente, e mesmo com tantas instituições de ensino sérias e aptas para tal trabalho, os grupos de pesquisas e o número de pesquisadores ainda são insuficientes diante da quantidade de línguas indígenas a serem pesquisadas. E muito dos dados utilizados a respeito das pesquisas em línguas indígenas no Brasil ainda são aqueles que os missionários americanos coletaram, como no caso de dados utilizados por Aryon Rodrigues (2002), baseados em pesquisas da Summer Institute of Linguistics, que ainda hoje é uma das instituições que possuem os dados mais atualizados.

Já com relação às estatísticas populacionais, os dados mais atuais dos quais temos conhecimento são os do IBGE (2010), e com base nesses dados Rodrigues (2013, p. 12) levantou o número de aproximadamente 20.000 falantes da língua Terena no Mato Grosso do Sul. No entanto, essa estatística varia de uma comunidade para outra, pois existem aquelas em que somente os anciões preservaram a língua. Há ainda outras em que a conservação da língua se estende de uma geração à outra, com é no caso da comunidade Lagoinha, no distrito de Taunay.

A língua Terena, desde sua origem, teve constantemente contato com outras línguas. Atualmente, o contato com outra língua – nesse caso com a língua portuguesa – se dá de forma mais intensa devido à localização das comunidades da etnia, que ficam próximas a cidades, e ao contato frequente com o não índio.

A língua falada pelos terena conserva elementos em comum com a língua usada pelos Laiana e pelos Kinikinau e que, embora com algumas diferenças, permite reconhecer que ele pertence a uma língua de origem comum denominada Aruák. A identificação dessa língua comum é importante porque, por intermédio dela, podemos saber um pouco sobre a origem dos Terena e localizar o lugar onde vivem e viveram em outros tempos. Pode-se conhecer o lugar de origem das pessoas porque as línguas têm elementos comuns e pode-se perceber que cada povo recebe várias influências no contato com outras populações. Com a convivência são acrescentadas novas palavras, alterando constantemente a língua original. Quando uma comunidade se separa, a convivência entre as pessoas diminui e, em consequência, aumentam as diferenças na fala dos habitantes desses lugares. (BITENCOURTT E LADEIRA, 2000, p. 12)

Com relação ao contato linguístico dos Terena, o que se percebe é que se dá basicamente com a língua portuguesa, pois não há grandes influências de línguas pertencentes a outras etnias indígenas. Com relação à localização e à preservação da língua Terena, nota-se que na região de Taunay o número de falantes adultos e jovens é maior do que nas comunidades da região de Dois Irmãos do Buriti. As comunidades de ambas as regiões possuem contato com o não índio, ou seja, com falantes de língua portuguesa; nesse sentido, devido ao contato, torna-se inevitável o uso de empréstimos linguísticos do português na língua Terena.

Nesse sentido, o contato da língua Terena dos falantes do Mato Grosso do Sul com não índios é inevitável, já que o acesso à sociedade, aos seus direitos, à educação e à saúde os levam a aprender a língua dominante, até mesmo para que obtenham seu sustento e uma melhor qualidade de vida. A preocupação das lideranças Terena é recorrente com relação à preservação da língua por parte das novas gerações, além disso, poucas comunidades possuem falantes bilíngues, pois geralmente essas pessoas são aquelas que tiveram acesso a certo grau de escolaridade e perceberam a importância de preservar a língua materna, tanto quanto utilizar a língua portuguesa.

As mudanças da língua Terena não ocorrem na estrutura ou no significado do léxico de uma comunidade para a outra, mas há variação fônica, ou melhor, da pronúncia de falantes de aldeias distintas. Um dos fatores que contribui para que as variações linguísticas ocorram são os costumes moldados ao longo do tempo, como vimos anteriormente; outro fato que influencia de certa forma o desenvolvimento da língua e a preservação da mesma é a educação.

Sendo assim, o cenário do povo Terena tem mudado, além de destacar-se no Brasil e no estado pela grande população, que já citamos, também pelo engajamento político e pela busca de seus direitos. Não é raro encontrá-los nos corredores das universidades, lugar em que eles têm ganhado seu espaço, com o intuito de se formarem e contribuir para a melhoria de suas comunidades por meio dos conhecimentos que adquirem na academia. Sendo assim, essas questões nos remetem a uma possibilidade de empréstimos linguísticos da língua portuguesa presente na língua terena. Para averiguar esses dados, faremos um breve histórico das comunidades selecionadas para

esse estudo.

1.3.1 AS ALDEIAS DE BURITI E ÁGUA AZUL

Com relação à localização e à formação dessas comunidades e suas estruturas políticas, Vargas (2011) coletou as seguintes informações do Terena a respeito dessas duas comunidades.

Como informou o Terena Abadio Batista (2008), quando afirmou que, na reserva de Buriti, existiam três núcleos: Buriti, onde se localizava o posto indígena, Córrego do Meio e Água Azul e que era tudo igual, ou seja, já existiam na condição de núcleos familiares, regidos, cada um por uma liderança que, naquele momento, estava submetida ao capitão da aldeia Buriti, Joaquim Figueiredo, e ao chefe de posto. A aldeia Terena Água Azul era denominada protestante e era chefiada, segundo Cardoso de Oliveira (2002), por um líder religioso de respeito: Benedito Reginaldo. (VARGAS, 2011, p.112)

Nesse sentido, a organização social dos Terena é basicamente constituída de núcleos familiares como citado por Batista, com chefias que são escolhidas pela comunidade, ou seja, pelas famílias. Com relação às estatísticas territoriais e populacionais, de acordo com o Instituto Socioambiental⁸ a aldeia Buriti possui uma área territorial de uns 17 km, com uma população de aproximadamente 2.543 pessoas. Nessa aldeia há a Escola Estadual Natividade Alcântara Marques, em que é oferecida à comunidade Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos (Supletivo) e Educação Indígena.

A aldeia Água Azul é uma comunidade desmembrada da considerada “aldeia sede” da reserva, a Buriti, pois ela possui o posto SPI/FUNAI, de acordo com relatos de Pereira (2009, p. 62). Não encontramos dados exatos a respeito do número populacional dessa aldeia, o que se pode afirmar é que há uma escola Polo Indígena Cacique Ndeti Reginaldo, que desenvolve projetos e atua ativamente junto à comunidade, oferecendo não só o ensino regular, mas há também uma preocupação por parte dos educadores em

8 Informações coletadas do Instituto Socioambiental estão disponíveis em: <<http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas/3626>>. Acesso em 06 de julho de 2015.

preservar as tradições e a língua Terena.

1.3.2 ALDEIA DA LAGOINHA

De acordo com relatos do Terena Manoel Amado feitos a Vargas (2011, p. 107), essa comunidade faz parte do núcleo de Bananal, que era a aldeia a que “dominava” e de certa forma liderava esse núcleo de aldeias Terena, pois nesse período Lagoinha não possuía cacique e, assim, ficava submetida ao capitão de Bananal. De acordo com o Terena Rosalino da Silva, ainda com relação à criação do núcleo de Lagoinha, temos a seguinte afirmação:

A primeira família foi do senhor Guilherme Moreira. Construiu uma casa, e em seguida foram Julião Guilherme e família, Julio da Silva, Paulo Miguel, Germano Maranhão e Vitoriano Cece que era meu tio, né? Tudo com família assim nasceu a pequena aldeia em 1950. (VARGAS. 2011, p.114)

Na década de 1950, essas famílias mudaram-se para a região que hoje é conhecida como aldeia Lagoinha. Segundo relatos de Rosalino para o trabalho de Vargas (2011, p.114), a principal motivação da mudança era o fato de tratar-se de uma terra fértil e de uma região em que a caça e a pesca podiam ser exploradas.

O aspecto que nos chamou a atenção com relação a esta aldeia e que a diferencia das demais citadas neste trabalho é o fato de que a religião cristã protestante predomina entre os moradores da comunidade. Em conversa informal com alguns indígenas nascidos na aldeia, ouvimos o relato de que essa é a única comunidade em que não possui bar e que, de certa forma, contribui para o índice ínfimo de alcoolismo e acesso às drogas ilícitas.

Um dos membros da comunidade possui um acervo do Novo Testamento que foi traduzido para a língua Terena. Este projeto foi desenvolvido por missionárias americanas com financiamento da SIL, instituição que já citamos, com a contribuição e participação ativa de nativos e falantes da língua Terena. A tradução de parte da Bíblia é fruto do estudo das autoras da gramática que atuaram em conjunto com a comunidade para esse projeto, tanto o da tradução da Bíblia, quanto o da elaboração da gramática;

sendo assim, faz-se necessário o estudo de alguns aspectos da mesma para o desenvolvimento deste trabalho.

No próximo capítulo, apresentaremos um resumo da gramática da língua Terena.

2. RESUMO DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA TERENA

Apesar do nome da gramática apontar para um material didático, ele não é de fácil leitura e compreensão destinado a alunos do ensino fundamental e médio, e até mesmo o uso como um material de consulta para professores de língua Terena é algo inviável, pois quando passamos para o estudo dessa gramática percebemos que se trata de informações voltadas para o uso de linguistas e, de certa forma, passa a ser um conhecimento restrito, uma vez que na prática o material é utilizado apenas por um grupo específico.

2.1 ORTOGRAFIA DA LÍNGUA TERENA

Antes de iniciar a descrição da gramática Terena, faz-se necessário apresentar uma explicação feita pelas autoras da gramática utilizada como base para o estudo da língua Terena referente à ortografia adotada, visto que a escolha feita foi de uma ortografia mais próxima possível da ortografia do português, e por isso as pesquisadoras sentiram a necessidade de justificar-se por meio de um artigo científico. Observe:

Apresentamos aqui uma explicação da ortografia atual terena esclarecendo a base das decisões tomadas. No ponto 3 da Portaria da FUNAI de nº75/N, de 06/07/1972 lemos: “A grafia das línguas indígenas, para textos de consumo dos grupos tribais deve ser a mais aproximada possível da grafia do português” e, no ponto 4: “Deve-se adotar como norma geral, na grafia das línguas indígenas, o princípio lógico de representação de um fonema por um único símbolo”. Como se vê no que se segue, nem sempre é possível seguir completamente os dois pontos determinados pela Portaria por estarem, às vezes, em conflito. (EK-DAHL E BUTLER. 2007, p. 1)

A partir da portaria da FUNAI, as autoras discorrem sobre as escolhas feitas com relação à ortografia Terena, de forma bem sucinta. A primeira explicação diz respeito ao uso do K ou C/Qu, e ao observar o ponto 3 do acordo o fonema a ser utilizado seria o

C/Qu, no entanto o ponto 4 indica o uso do K, mas ao estabelecer o alfabeto prático, foi escolhido utilizar o segundo fonema, K, pois foi entendido que a grafia com uma letra para representar o fonema seria mais fácil de ser ensinado no processo de alfabetização (Ekdahl e Butler. 2007, p. 1). Sendo assim, o objetivo seria estabelecer um símbolo por som. Além disso, houve a preocupação de não deixar uma influência da língua inglesa na ortografia da língua Terena, conforme também justificam no texto. O relato também aponta que, ao longo dos anos, elas perceberam que aqueles que eram alfabetizados em língua terena posteriormente seriam alfabetizados em língua portuguesa; então houve a decisão por parte delas de alterar para o uso do C/Qu, porém um tempo após essa mudança nas cartilhas os próprios indígenas passaram a dizer que preferiam o uso do K, portanto, a solução encontrada foi consultar a comunidade Terena a respeito da mudança para que eles mesmos decidissem. Então reuniões passaram a ser feitas:

A primeira reunião realizou-se na escola de Água Branca, no dia 25 de fevereiro de 1989. As pessoas que tomaram parte foram o capitão com sete dos conselheiros e a nossa equipe de tradução consistindo em Ladislau Farias (de Água Branca), Dionísio Francisco (de Ipegue) e a linguista Bete (Elizabeth) Ekdahl. Nancy Butler, a outra linguista, estava fora do país nesse tempo. (EKDAHL E BUTLER. 2007, p. 1)

Após consulta a outras comunidades e outros líderes que não estiveram presentes nessa primeira reunião, e outros líderes, segundo as autoras demonstraram certo desinteresse. Assim, a decisão foi tomada em sua maioria pelos indígenas da aldeia Água Branca que participaram desse processo, desse modo, foi pelo uso da letra K.

O segundo caso trata do R e H. O uso do r em português possui dois sons e para isso duas grafias, já em Terena as autoras da gramática afirmam não ser aconselhável o uso de um símbolo só para as duas formas, assim visando também as portarias 3 e 4 da FUNAI e para que elas não entrassem em conflito. “Assim usa-se *h* para o som com aspiração como: *há’a*, *ahá’axo*, *arâha*. Este símbolo é usado em muitas línguas do mundo para este som. E usa-se *r* para o outro som, como: *râ’a*, *arúkukoa*, *áhara*.” (Ekdahl e Butler, 2007, p. 2).

A terceira decisão foi com relação à letra S. Em Terena o som de s é sempre

grafado com a letra S, não é usado o C ou SS como no português, porém durante muitos anos se utilizou também essas formas com a intenção de adequar a ortografia do Terena ao português, o que contrariava o item 4 da portaria, por isso foi reajustado e foi adotada a seguinte fórmula: *sêno, sîmo, su'ûso, isôti* (Ekdahl e Butler, 2007, p. 2).

Com relação ao uso da sequência MB, ND, NG, NJ e NZ, as autoras também consultaram a comunidade para a decisão final. “A opinião que prevaleceu foi a de que deveriam ser escritas de maneira diferente do português, por ser a pronúncia diferente. Por isso foram usadas combinações, como: *ombósiko, ndâki, ngónokoa, nje'éxa e ônze*. (Ekdahl e Butler, 2007, p. 3).

Já o uso da letra X recebe a seguinte explicação: no português há o uso do Ch e do X, nesse caso a escolha foi o uso da letra X para símbolo do som da língua Terena. Assim ficou representado da seguinte forma: *xi'íxa, xúpu, poréxoá*; nessa língua o fonema não possui variações do som como no português (Ekdahl e Butler, 2007, p. 3).

A respeito do uso de G e J há os seguintes apontamentos: primeiro de que *g* possui sempre o som de *g* em *ga* e, diferente do português, não necessita vir acompanhada de *u* antes das vogais *e* e *i*. Nesse sentido não é necessário empregar quando é *nge* e *ngi*, pois segundo as pesquisadoras sua pronúncia é única, e o mesmo também ocorre com *J*, que possui uma única forma de pronunciar na sequência *ja* e *ji* (Ekdahl e Butler, 2007, p. 3).

Em relação às vogais A, E, I, O, U, cada letra representa um fonema, inclusive *e* e *o* na língua Terena não possuem o som aberto como na língua portuguesa. No entanto, as pesquisadoras apontam para uma variação na prosódia das vogais na fala de uma comunidade para outra. Observe:

Mas às vezes há um pouco de variação entre falantes em certas palavras, alguns fazendo essas vogais mais fechadas ou mais abertas do que outros.

Em português, em algumas regiões, a letra *e* no fim da palavra é pronunciada como *i*, como em *pote*, e a letra *o* é pronunciada como *u*, como mesmo. Este não é o caso em terena. A escrita e a pronúncia são sempre iguais. Se a pronúncia é *i*, escreve-se *i*, e não *e*, como *pihôtî*. Igualmente se a pronúncia é *u*, é sempre escrito com *u*, como *ihaku*. A letra *o* é somente usada para o

som de *o* como *aínovo*, e a letra *e* é somente usada para o som de *e*, como *vo'ókuke*. (EKDAHL E BUTLER. 2007, p. 3)

A partir dessa afirmação e das explicações anteriores acerca da ortografia na língua terena, podemos perceber primeiro que a escolha de uma ortografia próxima à da língua portuguesa deve-se principalmente à obediência a uma portaria da FUNAI; segundo, que a escolha contribui para que a escrita seja o mais próximo possível da pronúncia da língua. Outro dado importante é o fato de que a variação na língua Terena entre falantes de uma região e outra ocorrerá somente na prosódia; a variação relacionada ao aspecto lexical ainda é algo desconhecido entre os falantes, professores e alunos que consultamos nas visitas que fizemos às diferentes aldeias. Além disso, desconhecemos a existência de trabalho científico apontando esse tipo de variação na língua Terena.

2.2 A METODOLOGIA DA GRAMÁTICA DE EKDAHL E BUTLER

A gramática de Ekdahl e Butler foi elaborada com a finalidade de ensinar os alunos a entenderem e a falarem a língua Terena. Segundo a explicação que vem descrita na própria gramática são lições e cada uma possui a seguinte divisão: a primeira parte é formada de exercícios e a segunda, de anotações gramaticais. Os exercícios estão divididos em quatro tipos: conversas, frases-modelos, transferências e responsórios. A seguir, apresentaremos esses quatro tipos de exercícios retirados das gramáticas:

Exemplo 1: Conversas

Únati.	Tudo bem?
Únati.	Tudo bem.
Na yéno?	Aonde vai?
Mbihópotine.	Estou voltando

(BUTLER E EKDHAL. 1979, p.9)

Exemplo 2: Transformação

Mâriya koéha?	Ela se chama Maria?
Ndâvi keéha?	Você se chama Davi?

Ou

Pihópotine?
Pihépotine?

Já vai embora?
Você já vai embora?

(Butler e Ekdhal. 1979, p. 14)

Exemplo 3: Padrão Gramatical
Exercício: Padrão Gramatical I

Kuti koéha ne pe'ínu?
Pêтуру koéha.

Como se chama seu irmão/sua irmã?
Chama-se Pedro.

Substituir: pe'ínu
por: yîno
mémaina
ha'a Xuâum
exóvi
yutóxoti
ikoti úne

Substituir: seu irmão/sua irmã
por: sua esposa
sua mãe
o pai de João
o irmão dele/a irmã dela
a pessoa que está escrevendo
a pessoa que está buscando água

(Butler e Ekdhal. 1979, p. 15)

Exercício: Padrão Gramatical II

Kuti itúko ne Mâriya?
Ikoti úne.

O que a Maria está fazendo?
Está buscando água.

Substituir: Ikoti úne.
por: yutóxoti.
xo'ópeeti.
ivatákoti.

Substituir: Está buscando água.
por: está escrevendo.
está passeando.
está sentada.

(Butler e Ekdhal. 1979, p. 15)

Exemplo 4: Padrão Gramatical III

Na kéyeeye?
Ápeepo.

Como vai? (você)
Vou bem.

Substituir: Ápeepo.
por: Kali yunzíkopone.
Ako ngóyeeku.
Ako yuvónuti.

Substituir: "Vou bem."
por: Estou um pouco melhor agora.
Estou bem.
Estou bem. / Não tenho nada.

(Butler e Ekdahl. 1979, p. 19)

O objetivo do primeiro tipo é que o aluno tenha acesso às frases básicas do cotidiano, como as saudações e frases típicas, essas frases são apresentadas na gramática em forma de diálogo. O segundo tipo contém frases com parte fixas e outra parte com frases que podem ser alteradas, com o objetivo de que se entenda os padrões gramaticais e para ampliar o conhecimento de vocábulos. O terceiro trata-se de pares de frases que podem ser convertidos, transformados; essas frases possuem inter-relação e permitem a formação de uma segunda por meio de uma pequena alteração na primeira, a sua finalidade é apresentar diferenças básicas nos padrões gramaticais. Já o último tipo é apresentado por pares de frases em que a primeira necessita da segunda, assim como uma pergunta e resposta; o estímulo é para a recordação de frases completas, objetivando futuramente que o estudante esteja pronto para responder de maneira natural e espontânea a situações normais (Butler e Ekdahl, 1979, p. 7).

Tendo ciência da finalidade da gramática e sua metodologia, partiremos para uma breve descrição da mesma a fim de uma melhor compreensão da língua, principalmente no que se refere ao léxico e à formação de palavras. Visto que a gramática possui dois volumes, iremos nos atentar mais para as questões morfológicas da língua, e para as demais questões, faremos uma breve explanação.

2.3 ASPECTOS MORFOLÓGICOS E LEXICAIS

Iniciaremos um breve resumo a respeito dos aspectos morfológicos e lexicais da língua terena por tratar-se de um de nossos principais focos para a análise futura. Nesse sentido, faremos uma síntese dos trabalhos anteriores a respeito da língua terena. Além da gramática já citada, utilizaremos Silva (2013) e Rosa (2010).

2.3.1 ASPECTOS MORFOLÓGICOS

A morfologia é a unidade que trata da estrutura da palavra, da forma (Rosa.

2000, p.15), ao pensar esse aspecto gramatical de maneira simplória. Na Linguística do século XX se retira essa noção de palavra e passamos a considerar o estudo dos morfemas, que são as unidades básicas da gramática de acordo com Rosa (2000, p.44).

Ao estudar uma língua pelo viés da morfologia contribui para a compreensão do funcionamento da mesma, isso se dá por meio dos *morfemas*, ou seja, as unidades mínimas da morfologia que permitem identificar e classificar a língua. Rosa (2010) classificou a língua terena como pertencente à seguinte tipologia morfológica: “O terena é classificado como uma língua aglutinante, por verificar-se que o verbo e o nome aglutinam morfemas que expressam significados diferentes do exposto pela raiz verbal ou nominal sendo facilmente identificados (...)”. (ROSA, 2010, p. 69). Sendo assim, os exemplos a seguir comprovam esse fato:

- (1) ndunuku-x-o-vo-ti ipe-ke
1PS-levantar-CT-REA-REFL-IMPF cama-LOC
“Eu vou me deitar na cama”

- (2) ø-aruxu-k-o-nu-ti marakaya
3-morder-CT- REA -1OBJ-IMPEF gato
“O gato me mordeu”

(Silva, 2013, p. 65)

Ainda de acordo com Silva e suas observações acerca desses exemplos pode-se observar que “(...) os morfemas que marcam tempo, modo, consoante temática e pronome, aglutinam-se à raiz verbal, ou nominal.” (idem, 2013, p. 66), dessa forma, percebe-se que tanto o nome quanto o verbo possuem afixos que veremos mais adiante. A respeito dos morfemas da língua Terena há a seguinte contribuição:

Os morfemas da língua Terena estão divididos em raízes ou temas e afixos. As raízes formam lexias simples que também são flexionadas e derivadas. Os afixos subdividem-se em prefixos e sufixos, conforme ocorrência no tema. Os prefixos e os sufixos servem para a formação de novos lexemas e em alguns casos chegam a causar mudança na categoria do léxico. A raiz ou tema, de acordo com a distribuição, estão classificadas em três categorias distintas: nome, verbo e adjetivo. (ALMEIDA. 2005,

Outra questão importante é que os afixos, prefixos e sufixos irão nos mostrar a qual classe essa palavra pertence. Sobre as mudanças das palavras na língua Terena temos a seguinte afirmação: “É comum a todas as línguas a mudança de categoria a partir do sufixo, porém a ocorrência de mudança na categoria gramatical partindo de um prefixo se dá em pequena escala”. (ALMEIDA, 2005, p. 32)

No próximo item faremos a descrição dos pronomes na língua Terena.

2.3.2 OS PRONOMES EM TERENA

A partir da descrição feita por Rosa (2010) e Silva (2013), a língua Terena possui os seguintes pronomes pessoais livres:

Singular	Plural
1° - <i>undi (eu)</i>	1° - <i>uti (nós)</i>
2° - <i>-iti (ele)</i>	2° - <i>iti + Noé</i>
3° \emptyset	3° \emptyset + <i>hiko</i>

A respeito da colocação desses morfemas na palavra há a seguinte proposição: “A posição do pronome pessoal se dá de duas formas no início da sentença para verbos iniciados com vogais e posposto ao verbo no caso dos verbos iniciados com consoante.” (Silva, 2013, p. 67).

A língua Terena é classificada como aglutinante. Conforme os estudos de Rosa (2010, p. 67) percebe-se que os morfemas possuem sua importância, pois a partir dele é que se tem a compreensão da formação das palavras. Assim, há a seguinte afirmação sobre esse aspecto da língua:

Os morfemas da língua Terena estão divididos em raízes ou temas e afixos. As raízes formam lexias simples que também são flexionadas e derivadas. Os afixos subdividem-se em prefixos e sufixos, conforme ocorrência no tema. Os prefixos e os sufixos servem para a formação de novos lexemas e em alguns casos chegam a causar mudança na categoria do léxico. A raiz ou

tema, de acordo com a distribuição, estão classificadas em três categorias distintas: nome, verbo e adjetivo. (ALMEIDA. 2005, p. 32)

Essa divisão de morfemas é apresentada na dissertação de Almeida (2005), que propõe um dicionário infantil bilíngue da língua Terena, e na tese de Silva (2013), que trabalha especificamente com a Lexicografia dessa língua e também propõe um dicionário. Têm-se aqui também a necessidade de apresentar os afixos, prefixos e sufixos dessa língua a fim de melhor compreender a formação das palavras.

2.3.3 AFIXOS DA LÍNGUA TERENA

Os afixos são classificados como morfemas que se aglutinam ao radical, ou seja, parte fixa da palavra. Quando esse anexo ocorre, pode ter como consequência a mudança do sentido da palavra, ou até mesmo mudar a classe gramatical desse vocábulo (Kehdi. 1999, p. 27).

Nesse sentido, ao buscar os afixos na língua Terena, as autoras da gramática no Vol. 1 apresentam um anexo com uma lista de *afixos*, que são assim denominados, mas tratam apenas de *sufixos*, e não de *prefixos* e *sufixos*, como essa nomenclatura remete àquele que consulta a lista. A pensar, assim, apresentaremos em tópicos distintos os prefixos e os sufixos da língua Terena e suas funções.

2.3.4 PREFIXOS

Os prefixos, de acordo com Almeida (2005, p. 33), apresentam uma função gramatical importante. Assim, apresentaremos um quadro com alguns dos prefixos e suas respectivas funções de acordo com a gramática *Aprenda Terena Vol.1* (1979).

Prefixo	Função Gramatical	Classificação	Exemplo
----------------	--------------------------	----------------------	----------------

<p>Ko-</p> <p>Ko- / Ka-</p>	<p>Modificador de classe, ou seja, um elemento que transforma substantivos em verbos.</p> <p>Ocorre a forma ka- antes de substantivos cuja primeira vogal na terceira pessoa possuída:</p> <p>A forma ko- prefixa substantivos com primeira vogal que não seja a:</p> <p>ko'-/ka'- geralmente precedem aos substantivos que começam com vogal:</p>	<p>verbalizadores, transitivizadores, ou causativizadores.</p> <p>Verbalizador (ter / estar com)</p> <p>Verbalizador (ter / estar com)</p> <p>Verbalizador (ter / estar com)</p>	<p>koxe'éxati 'ela tem filhos',</p> <p>xe'éxa 'filho dela</p> <p>kakáneti 'está com bichos/bichado/bichoso'</p> <p><i>kâne</i> “o bicho dele”</p> <p><i>kohhépiti</i> “custa muito/é caro (tem preço)”</p> <p><i>hhêpi</i> “preço”</p> <p><i>ka'aríneti</i> “está doente”, <i>aríne</i> “doença dele”.</p>
<p>a-</p>	<p>Se a primeira vogal não é o, o verbo vem prefixado de a-: <i>únati</i> 'é/está bom', <i>ako</i> <i>aúnati</i> 'não é/está bom'. (Daí vem o nome A-para esta classe de verbos.)</p>	<p>Potencial</p>	<p><i>Uhhé'ekoti</i>. “É bonito. / Está bonito.”</p> <p><i>Ako aúhhe'eka</i>. “Não é bonito./Não está bonito.”</p>
<p>o-</p>	<p>Para formar o negativo de verbos da classe A-, precede-se o verbo da terceira pessoa pelo negativo auxiliar, <i>avo</i> 'ainda não' ou <i>ako</i> 'não'; ocorrem as seguintes mudanças no verbo:</p> <p>Se a primeira vogal é o, o verbo vem prefixado de o-:</p> <p>Se a primeira vogal não é o, o verbo vem prefixado</p>	<p>Negação nos verbos classe A-</p>	<p><i>xo'ópeeti</i> “está visitando”,</p> <p><i>ako oxó'opee</i> “não está visitando”</p> <p><i>únati</i> “é/está bom”, <i>ako</i> <i>aúnati</i> “não é/está bom”.</p>

	xado de a-:		
i-	Um outro grupo verbal (tanto transitivo como intransitivo) leva prefixo i- para se tornar causativo:	Intransitivizador Causativizador Verbalizador	<i>pîho</i> “foi”, <i>îpihoa</i> “ele o fez ir/continuar”; <i>kámoa</i> “ele o ouviu”, <i>íkamo</i> “ele o fez ouvir”.
v-	Para formar a primeira pessoa pl. de uma terceira pessoa com vogal inicial, prefixa-se v-:	Pluralizador nós/nosso	<i>ahhíkovoti</i> “está tomando banho.” <i>vahhíkovoti</i> “estamos tomando banho”.
y-	Para formar a segunda pessoa que começa com uma vogal que não seja i, prefixa-se y à terceira pessoa.	Sujeito possuidor você / seu	<i>ápee</i> “ele está/estava” <i>yápee</i> “você está/estava”

Organizamos esse quadro para apresentar esses prefixos baseados na gramática vol.1 e 2. Apenas esta organização foi feita de maneira distinta do original, com o objetivo de uma melhor visualização, compreensão dos prefixos e suas respectivas funções, visto que na gramática, por se tratar de um “manual didático”, eles estão distribuídos ao longo das lições e fica difícil de distinguir suas funções com rapidez, portanto é preciso muito cuidado, ler e reler diversas vezes, no entanto, ressalta-se que o conteúdo deste quadro é o mesmo da gramática.

Esse tipo de organização na gramática ocorre porque a maioria dos prefixos modifica os verbos, e então eles aparecem nas lições referentes às explicações dos mesmos; os mais complexos só aparecem no volume 2 da gramática, como no caso do prefixo *i-*, que é intransitivizador. Há um anexo com o índice de afixos ao final do Vol.1, e a página das lições em que não são apresentadas, baseada nessa lista que se fez os quadros destes dois tópicos.

2.3.5 SUFIXOS

Ao verificarem-se os sufixos da língua Terena, percebe-se que eles apontam as regras gramaticais, ou seja, os sufixos podem ser verbalizadores, parte da estrutura da língua, o estudo desses afixos, contribuem para o entendimento da gramática, por isso estão distribuídas as explicações ao longo das lições na Gramática de 1979. Assim como Kehdi (1999) afirma a respeito dos sufixos da língua portuguesa, os sufixos da língua Terena quando se unem ao radical alteram muitas vezes a classe do mesmo, por isso, há sufixos com mais de uma função distinta, como no caso do sufixo de *-ti*, que pode ser progressivo, descritivo e possuído não especificamente. Sendo assim, a seguir apontaremos a lista com alguns dos sufixos baseados no trabalho feito por Butler e Ekdahl (1979, p. 137-138) e a descrição que as pesquisadoras fazem de suas respectivas funções na gramática:

Sufixos	Função	Exemplo
-a	Potencial É <i>-a</i> o único sufixo objetivo que pode ocorrer após outro sufixo objetivo	<i>poréxonoa</i> “ele o deu a mim”, <i>poréxo</i> “deu a ele/o deu a ele”.
-ka	Plural <i>-ka</i> plural :	<i>vataká' kóyee</i> “estão sentados”.
-kono/ koxono	Lá Os demonstrativos <i>-kono/-koxono</i> geralmente são usados para coisas na distância que ficam paradas:	<i>enepo rakono vanúke</i> “lá no céu”, <i>enepo rakoxono hóyeno</i> “aquele homem lá”.

-ku	Nominalizador O sufixo <i>-ku</i> : 1) seguido por demonstrativo e substantivo: 2) isolada:	<i>Nâku ne pirítau?</i> “onde está aquela faca?”, <i>nâku?</i> “onde está?”.
-ku	Plural	<i>yunukú' yáko</i> “fiquem quietos”.
-ea	Referencial Verbos dependentes com sufixo <i>-ea</i> :	<i>kahhá'a oyé'eka</i> “cozinhar”.
-iko	Ainda / por enquanto Ocorre <i>-iko</i> quando o acento cai na sílaba anterior: <i>-iko</i> segue a <i>-ti</i> mas precede a <i>-ne</i> na ordem dos sufixos: A forma <i>-iko</i> ocorre somente no modo efetivo. No potencial a forma é <i>-Vvo</i>	<i>pihotí'iko</i> “ele vai ainda”. <i>mbihópotiiko</i> “por enquanto vou para casa”, <i>koékuikone</i> “chega por enquanto”.
-ino	Motivo O sufixo motivacional ocorre no auxiliar negativo, se tal existe: Se não há elemento auxiliar, ocorre no verbo principal também.	<i>Na koeti ákoino pîha?</i> “por que ele não foi?”. <i>Na koeti pihíno?</i> “por que ele foi?”.
-ino	Os modificadores de transitividade ocorrem só no verbo principal:	<i>ako isúkinanaa</i> “ele não o matou para mim”, <i>ako aúntiinonu</i> “eu não acho bom”(com referência a mim, não é bom).
-ikene	Finado / falecido	<i>I</i>

	Quando se refere a uma pessoa já falecida, é comum sufixar <i>-ikene</i> ao substantivo: Porém, não é obrigatório o sufixo.	<i>má'ingene</i> “meu finado marido”, <i>Osóriukene</i> “o finado Osório”.
-iyea	Referencial -Iyea e -iyii são mais duas formas do sufixo referencial –ea:	<i>Ako yakáhha'a kemómoiyyi râ'a?</i> “Não quer olhar isto?” <i>Ngahhá'a ngomómoiyea.</i> “Quero olhar.”
-mea	Talvez Emprega-se <i>-mea</i> para indicar incerteza da parte de quem fala. Parece também suavizar a declaração feita, tornando-a menos dogmática, mesmo quando não há dúvida ou incerteza: É <i>-mea</i> um dos sufixos que aparecem no elemento auxiliar negativo quando este está presente.	<i>kásaxomea</i> “ele está com frio talvez”. <i>ákomeamo kená'aka</i> “talvez ele não venha”, <i>kutímo pihô? Xuãummea</i> “Quem irá? Talvez João”
-mo	Futuro O verbo que segue a <i>ina</i> leva o acento da 2ª posição. (...) quando se refere ao futuro fica no modo potencial, seguindo o sufixo futuro <i>-mo</i> a <i>ina</i> :	<i>ínamo píha</i> “então irá”.
-na	Possuído -Na A maior parte dos substantivos alienavelmente possuídos recebe o sufixo <i>-na</i> na sua forma possuída:	<i>áhara</i> “enxada”, <i>áharan-a</i> “enxada dele”; <i>povôti</i> “machado”, <i>povótina</i> “machado dele”.

	<p>Cabem nesta categoria todas as palavras emprestadas:</p>	<p><i>mêsa</i> “mesa”, <i>menzána</i> “minha mesa”; <i>hapâtu</i> “sapato”, <i>hapátuna</i> “sapato dele”.</p>
-ne	<p>Nominalizador Este sufixo significa 'agora, por enquanto':</p> <p>Pode-se dizer de uma mulher ainda na idade de fecundidade:</p> <p>Quando o acento cai no <i>-ne</i> a forma é <i>-ne'e</i>:</p> <p>É fácil confundir o sufixo <i>-ne</i> com o demonstrativo <i>ne</i> 'esse/aquele'. Há, porém, uma ligeira diferença no ritmo entre:</p>	<p><i>ákone ongónokoa</i> “não preciso dele mais”, <i>ako ongónokoa</i> “não preciso dele”.</p> <p><i>na yé'aaneeye xe'éxa?</i> “quantos filhos ela tem agora?”</p> <p><i>hupané'e káxe yane kohhêe</i> “o sol é mais brilhante do que a lua”, <i>itukéti akoti pihané'e ya tumúne</i> “trabalho que não vai para frente”. <i>isúkoane hóyeno</i> “o homem já bateu nele” e <i>isúkoa ne hóyeno</i> “ele bateu naquele homem”.</p>
-noe	<p>Plural / coletivizador Nas pessoas segunda e terceira, não se distinguem amiúde singular e plural. Pode-se fazer tal distinção, porém, pelo acréscimo do sufixo <i>-noe</i>:</p> <p><i>-noe</i> se emprega também no sentido coletivo com as pessoas primeira e terceira:</p> <p>Na segunda pessoa pl. e de <i>-hiko</i>:</p>	<p><i>ngixópinoe</i> “disse a vocês”,</p> <p><i>kalíketinoe</i> “são do tipo pequeno”.</p> <p><i>ngíxoahiko</i> “disse a eles”.</p>
-nu	<p>me/mim Quando <i>-nu</i> vem seguido de <i>-a</i>, <i>o</i> ou <i>u</i> se torna o porque não pode ocorrer o grupo <i>ua</i>:</p>	<p><i>poréxonoa</i> “ele a deu a mim”.</p> <p><i>ako paréxanaa</i> “ele não a deu a mim”.</p>

	Quando o sufixo é verbal seguido de <i>-a</i> e pertence ao modo potencial, o <i>u</i> se torna <i>a</i> :	
-p/ -po	Outra vez O sufixo tem duas formas. Ocorre <i>-p</i> quando seguido imediatamente do elemento referência:	<i>kahhá'ati kapea</i> “está querendo esfriar outra vez”.
-pi	Você Quando <i>-pi</i> vem seguido de <i>-a</i> , o <i>i</i> se torna <i>e</i> porque não pode ocorrer o grupo <i>ia</i> :	<i>poréxopea</i> “ele o deu a você”.
-po / pono	Movimento (...) o sufixo <i>-pono</i> tenha a forma <i>-po</i> logo antes de <i>-ino</i> , não se confunde com o sufixo <i>-po</i> 'outra vez' por se transformar este em <i>-p</i> antes do <i>-ino</i> . Comparem-se: Não ocorrem juntos <i>-pono</i> e <i>-po</i> na mesma palavra.	<i>ene elókepoino okóvo</i> “por isso ele foi alegrar-se” <i>ene elókepino okóvo</i> “por isso ele se alegrou outra vez”. -pono + -ino → -poino -po + -ino → -pino -po + -ine → -pine -pono + -ea → -ponea -po + -ea → -pea
-pon	Movimento Ocorre <i>-pon</i> somente quando seguido do sufixo referencial:	<i>kónokoa isúkoponea</i> “precisa ir matá-lo”.
-ti	Progressivo Usado para distinguir possíveis ambiguidades na acentuação dos da 1º e 2º posição do em verbos da classe -XO. Elimina-se a ambiguidade com o sufixo <i>-ti</i> progressivo.	<i>pihópo</i> “foi”, <i>pihópoti</i> “vai”. <i>uké'exo ísupaheyeyea</i> , “depois de foiçar”, <i>ha ínati isôpo</i> ; “então capina”; <i>uké'exo ísoiyeyea</i> , “depois de caninar”

	<p>Descritivo</p> <p>O sufixo <i>-ti</i> 'descritivo' não ocorre com nenhum dos imperativos. Quando ocorre com <i>ina</i> significa 'só depois' ou 'bem depois disso, então'. Usa-se com frequência na construção de uma série de acontecimentos que compõem um processo:</p>	<p><i>ha ínati nhôpo</i></p> <p><i>ha ínati yuhikópaa úti</i> “então o cardamos” <i>ha ínati hukoa úti</i> “então fiamos” <i>haína vo’ókuke ínati apêe</i> “não é que só apareceu nesse tempo”.</p>
-ti	<p>Possuído não especificamente</p> <p>O sufixo <i>-ti</i> é possuído não especificamente:</p> <p>E na terceira dos verbos restantes:</p>	<p><i>Ihikaxovoti</i> “está estudando”</p> <p><i>ikorókovoti</i> “está caindo” <i>oye'ékoati</i> “está cozinhando-o”</p>
-Vvi	<p>Nos/nós</p> <p>O V indica que a vogal é igual à que a precede:</p> <p>Quando cai o acento na V do sufixo ou na vogal anterior, o sufixo começa com oclusiva glotal, por ex.</p> <p>Quando <i>-Vvi</i> ou <i>-'Vvi</i> vem seguido de <i>-a</i>, a <i>i</i> se torna <i>e</i> por causa da sequência <i>ia</i>, que não é permitida:</p>	<p><i>Peréxaavi</i> “ dá-nos” <i>póneevi</i> “ o que ele nos deu”,</p> <p><i>-'Vvi: niko'óviti</i> “estão nos picando” <i>porexó'oviti</i> “ele nos dá”.</p> <p><i>Poréxoovea</i> “ele o deu a nós”.</p>
-Vvo	<p>Iminente</p> <p>Indica V reduplicação da vogal que precede ao sufixo. -Vvo ocorre com o modo potencial e o acento da 1ª posição:</p> <p>Ocorre <i>-'Vvo</i> quando cai o acento na sílaba anterior ao sufixo ou</p>	<p><i>niká'avo úti</i> “vamos comer já” (a comida está pronta), <i>yárekaavo mate</i> “tome mate”, <i>ramá'angapuuvo</i> “já vou me agasalhar”.</p> <p><i>pihé'evo</i> “então pode ir”.</p>

	na primeira sílaba do sufixo: Note-se: o <i>o</i> deste afixo não se transforma em <i>a</i> no modo potencial. No modo efetivo a forma é <i>-iko</i> .	
-k / -x	Temático Servem estes sufixos para classificar as raízes verbais da classe <i>-XO</i> . Todas as raízes cabem em uma de três classes:	1) aquelas com sufixo temático <i>-k</i> : <i>isúkoa</i> “bateu nele”; 2) aquelas com sufixo temático <i>-x</i> : <i>poréoxa</i> “deu-o”, e 3) aquelas sem sufixo temático: <i>pîho</i> “foi”.

Partindo do princípio que parte desses afixos contribui para a derivação de verbos, faremos um estudo a respeito do aspecto verbal na gramática Terena.

2.3.6. DERIVAÇÃO VERBAL

Baseado no trabalho de Butler (1970) apresentado em um seminário de campo realizado em Cuiabá, Mato Grosso, a respeito da derivação verbal na língua Terena, discorreremos sob como se dá o funcionamento desse aspecto gramatical nessa língua.

A base verbal da língua Terena possui dois tipos de derivações: a simples e a composta. A primeira, segundo descrição feita no artigo por (Idem. 1970, p. 1), trata do “(...) desenvolvimento das formas verbais de uma base subjacente mediante o processo de afixação.”; já a derivação composta ocorre com “(...) o desenvolvimento de formas verbais de formas subjacentes através do uso do verbo auxiliar *kôe* ‘estar’ ou de sua contraparte transitiva *kíxo*.”

Derivação simples:	base + afixos	=	forma verbal de superfície
Derivação composta:	base + auxiliary	=	forma verbal de superfície
Toda forma verbal de superfície pode ser:			
	Estativa	(manifesta relação estado-paciente)	
	ou		
	Ativa	(manifesta relação agente-ação)	

O quadro por Butler (1970) mostra os termos empregados na explicação desses dois tipos de derivações. A divisão ou classificação dos verbos vem a partir da derivação simples dos verbos em suas bases subjacentes, essa derivação parte da soma da base com os afixos que apresentamos, alguns deles, nos tópicos anteriores.

A derivação por afixação traz como consequência essa alteração de algumas bases estáticas que, quando unidas aos afixos, formam derivados ativos. Já outras bases formam derivados estativos (Idem. 1970, p. 1). Nesse sentido, vê-se a necessidade de compreender melhor a forma verbal de superfície estativa, para isso há a seguinte explicação:

Todo verbo estativo e ativo pode ser classificado, pois, de fundamental ou derivado. Obtém-se a forma fundamental através do acréscimo à sua base subjacente, e a derivada, sendo dependente de outra forma verbal, através de dois. Não existem formas verbais causativas, pois todo causativo é derivado de verbo estativo ou ativo. (Butler. 1970, p. 1)

Sendo assim, os verbos estativos fundamentais são divididos em quatro classes: A, B, C e D. Na primeira dessas classes ele é representado da seguinte maneira: Xúnati 'ele é forte' (Butler. 1970, p.2). A explicação dada para esta classe é a seguinte: “A base, a partir da qual se desenvolvem os estativos deste tipo é tema verbal; xuna 'forte' é a base subjacente de xúnati. Os estativos da classe A não necessitam afixação no seu desenvolvimento.” (idem); o prefixo que aparece nesse tipo de derivação é o /ko-/ ‘agentivo’ e o sufixo consonantal de tema verbal /-k/ e a vogal do tema verbal /-o/ (ibidem). Ao utilizar esses afixos no processo de derivação temos o seguinte exemplo:

(...) xúnati 'ele é forte' possui a forma ativa derivada koxunákoa-ti 'ele está fortalecendo-o'. Desta forma ativa, pode-se derivar ainda uma forma causativa pelo processo de afixação de /i-/ 'causativo', como no caso de ikoxúnakoati 'ele está fazendo com que fique forte'. (BUTLER. 1970, p. 2)

Já na derivação dos estativos de classe B, apesar de haver uma semelhança com a classe A, a pesquisadora aponta algumas diferenças; a primeira delas é que eles “apresentam um processo inerente ao seu tema” (Butler. 1970, p. 2). Devido a esse fato, boa parte dos estativos dessa classe se desenvolve de maneira dupla, no entanto, com uma subdivisão: um com a função de ser um estativo aplicado e o outro um estativo de capacidade. Ambos estão suscetíveis a uma relação paciente, mas no segundo, “(...) não assevera realização prévia nem futura do mesmo” (Butler. 1970, p. 2). Observe os exemplos:

Os estativos de capacidade são derivados das suas bases subjacentes pela sufixação da consoante de tema verbal /-k/ e do sufixo competente de estativo de capacidade /-e/. MUYÚKETI 'é capaz de apodrecer' é o estativo de capacidade derivada do tema muyu 'podre'. Tais formas não apresentam desenvolvimento ulterior. Os estativos aplicados são derivados de uma base subjacente pela prefixação de /i-/ 'estativo aplicado' e a sufixação da consoante de tema verbal /-k/ mais a vogal de tema verbal /-o/. Assim, do tema muyu 'podre' se deriva o estativo aplicado **imúyukoti** 'está podre'. (BUTLER. 1970, p. 2)

Os estativos aplicados ainda podem se derivar para formas ativas para com a prefixação do 'agentivo' /ko-/, podendo ou não, “baixar o /i-/ inicial 'estativo aplicado' ao nível da língua do /o/ do prefixo /ko-/, dando como resultado /koe/ em vez de /koi/. Assim, de **imuyúkoti** 'está podre' se deriva a forma ativa koemúyukoati 'ele está apodrecendo-o'.” (Butler. 1970, p. 2)

Ainda nessa classe de derivação, podem ocorrer as formas causativas tanto dos estativos aplicado até aos derivados ativos que vêm acompanhado da prefixação /i-/ 'causativo', tonando-se assim como no seguinte exemplo: “(...) **ii-múyukoti** 'é feito ficar podre' é derivado desta maneira do estativo aplicado

imuyúkoti 'está podre'. Do ativo koemúyukoati 'ele está apodrecendo-o' se deriva o causativo ikoémuyukoati 'ele está fazendo com que fique podre' (Butler. 1970, p. 3).

Logo, os estativos da classe C são distintos das duas primeiras classes, pois podem ter como base substantivos ou um tema verbal. Outra diferença das demais classes é que não possui componente de processo inerente, sendo assim, suas bases subjacentes são as seguintes: o prefixo /ko-/ 'agentivo', que possui significado ativo, como no exemplo da base subjacente **îma**, 'marido dela', se deriva o estativo **ko'îmati**, 'ela tem marido / ela é casada'. (Butler. 1970, p. 3). Já os causativos nessa classe funcionam da seguinte maneira; podem ser derivados estativos por meio da afixação do prefixo causativo /-i/, do sufixo consonantal de tema verbal /-x/ e do sufixo vocálico de tema verbal /-o/. Resultando a seguinte derivação: ika'îmaxoati 'ele faz com que ela se case' é causativo derivado do estativo ko'îmati 'ela é casada' (Butler, 1970, p. 3).

Por fim, a classe D é diferenciada dos demais, pois são os únicos que se derivam em bases nominativas por meio da sufixação de /-x/ e a vogal de tema verbal /-o/. Dessa forma, “o substantivo árune 'moça' é derivado o estativo arunoéxoti 'ficar moça'. O /-x/ temática acrescenta um componente de processo ausente na base nominativa.” (Butler. 1970, p. 3).

Já a derivação composta caracteriza-se por derivar-se potencialmente por qualquer base verbal, porém com a presença do verbo auxiliar **kôe** 'estar'. Podem apresentar os seguintes modos apresentados em Butler (1970, p.7):

	kóye	kôe	kíxo
Estativos (todos intransitivos)	X	X	
Ativos Intransitivos	poucos	X	
Transitivos	escassos		X

Quadro 3
Resumo dos usos de verbos auxiliares

Esse tipo de derivação possui ativos fundamentais com quatro classes de

base ativa, que, por sua vez, demonstram a forma como esses ativos derivam suas formas. Neles a maioria da base subjacente é tema verbal, sendo substantivo em alguns casos conforme aponta Butler (1970, p. 8), que é nada mais do que as formas verbais derivadas de *Kóye*. Sendo assim, a pesquisadora explica que esses derivados necessitam de agentes e que assim manifestam uma relação estado-paciente, e que devido a essa característica *Kóye*, está mais próximo aos temas estativos. Podemos observar também que sua maior semelhança aparece na forma causativa e seu objetivo é quase sempre apontar situações temporárias. Já o auxiliar *Kôe*, segundo Butler (1970, p. 9), é compatível com temas estativos e ativos, e de acordo com as pesquisas esse auxiliar em geral aborda o estado neutro em termos de origem e apresenta em sua formas sobreposição semântica. Observe:

(a) *Pirere kôe ne tomáte* “os tomates estão alinhados”

(b) *pirere kôe ne xâne* “as pessoas todas estão enfileiradas”

Butler (1970, p. 9) explica que nem sempre as informações acerca da permanência e impermanência de determinando estado virão de um ambiente extralinguístico, e às vezes essa permanência ou impermanência não será proporcionada especificamente pelo auxiliar, mas sim pela unidade do léxico.

Kíxo é o auxiliar transitivo que pode substituir *Kôe* em sua forma composta, sendo assim pode ocorrer as seguintes transformações:

(c) *ikoko' kôe* 'está pendurado'

(d) *ikoko' kíxoa* 'ele o pendurou'.

(BUTLER, 1970, p.10)

Sendo assim, (c) pode derivar-se para (d). Esse auxiliar também pode derivar as formas compostas de *kóye*, que é utilizado para expressar intensidade ou repetição e na forma transitiva é derivado do seguinte modo:

- (e) *háharara kóye* “é muito vermelho”
(f) *háharara kíxoá* “ele o tornou muito vermelho”.

(BUTLER, 1970, p. 9)

Os respectivos auxiliares possuem a seguinte significação: “Quando *kôe* e *kíxo* são usados independentemente de tais formas verbais compostas, significam 'dizer', sendo *kôe* 'ele disse' a forma intransitiva e *kíxoá* 'ele o disse a ela' a transitiva.” (Butler, 1970, p. 11)

Outra forma de derivação na língua terena é por meio dos verbos descritivos e não descritivos. O primeiro pode ser estativo, ativo ou causativo por meio da sufixação de */-ti/* “descritivo”. Segundo Butler (1970, p.11), qualquer verbo com sufixo descritivo é visto por meio da lente estativa.

Logo os verbos estativos, ativos e causativos que não levam o sufixo “descritivo” */-ti/* são denominados não descritivos; esses, por sua vez, são vistos por meio da lente ativa. Quando isso ocorre, ele torna-se um verbo equivalente ao português “ficar” ou “tornar”.

As formas nominalizadas dos verbos ocorrem tanto nos verbos descritivos quanto nos não descritivos, e essa nominalização ocorrerá diante da sufixação de */-ti/* “nominalizador não específico”, observe os exemplos:

- (g) *xûna* 'ele ficou forte'
(h) *xúnati* 'um que ficou forte'

(BUTLER, 1970, p.11)

Os causativos são nominalizados do mesmo modo. Essas formas nominalizadas também podem representar substantivos de acordo com a sua composição sintática.

Diante de toda essa descrição a respeito da derivação verbal da língua Terena, percebemos a atuação dos afixos para que elas ocorram, dando sentido as orações, e dessa forma conseguimos assimilar parte do funcionamento dessa língua. Sendo assim,

partiremos para objetivo o dessa pesquisa, que é a questão dos empréstimos linguísticos.

3. EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS

Para iniciar o estudo dos empréstimos linguísticos na língua Terena, buscamos compreender como se dá o funcionamento dessa base teórica que, conforme Manzolillo (2000), o léxico⁹ é uma entidade que se movimenta. Para justificar sua proposta, o autor cita Pereira (1932, p. 188) e Vendryes (1943, p. 256), respectivamente.

O léxico de todas as línguas vivas é essencialmente móvel: palavras surgem e palavras desaparecem, perdem significações antigas e adquirem novas. Filha do homem, a palavra reflete-lhe o destino: como ele, nasce, vive, transforma-se, adocece, morre e, até, ressuscita.

O vocabulário jamais está pronto, porque depende das circunstâncias.

Nesse sentido, podemos entender que o léxico pode se expandir, se alterar e, até mesmo, se contrair. Sem dúvida que as chamadas mudanças sociais e culturais ocasionam alterações nos vocábulos gerando a seguinte formação; (aqui, seria bom substituir por “palavras”, para evitar a repetição em excesso) que podem ser marginalizados (marginalizadas, se substituir por “palavras”), cair em desuso ou mesmo desaparecer. Por outro lado, os vocábulos podem voltar à circulação, quase sempre com

9 Crystal (2000) aponta a distinção entre vocábulo, léxico e palavra. “Vocábulo. Temo que designa a unidade do vocabulário, enquanto forma material. Trata-se de uma palavra sem levar em conta seu conteúdo lexical.”, “Palavra. Uma unidade de expressão que os falantes nativos reconhecem intuitivamente, tanto na língua escrita quanto na falada. (...) Três tipos de “palavras” são geralmente encontrados (embora a terminologia varie). (1) As palavras são as unidades fisicamente definíveis encontradas na escrita (entre os espaços) ou na fala (onde a identificação é mais difícil, mas existem pistas fonológicas para identificá-las como pausa ou junção). (...) (2) Existe um sentido mais abstrato, referindo-se ao fator comum que está por baixo das formas, as quais são variantes da mesma unidade, como *andar, andei, andaste, andando*. (...) (3) Surge então a necessidade de se estabelecer uma unidade abstrata para mostrar como as palavras funcionam na gramática uma língua; e a “palavra”, sem qualificação, fica reservada para este papel (pode-se também ampliar sua significação, através das expressões ou palavras “morfêmicas/morfossintáticas/gramaticais”, embora esta última tenha um outro sentido). Uma palavra, então, é uma unidade gramatical, do mesmo tipo teórico que morfema e sentença.” e “Lexical (lexicalizar, lexicografia, lexicologia). Termo usado na linguística para caracterizar o vocábulo de uma língua e uma variedade de expressões técnicas. Geralmente, uma unidade de vocabulário é denominado um item lexical ou lexema. Um inventário completo de itens lexicais de uma língua constitui o dicionário ou léxico da língua. (...) Lexical também pode indicar uma distinção da gramática, como aquela existente entre as “palavras gramaticais” e as palavras lexicais: a primeira se refere às palavras cuja única função é assinalar relações gramaticais (papel geralmente atribuído a palavras como *de, para, o*, etc. em português); as segundas são palavras com significação lexical, ou seja, conteúdo semântico.”

novas conotações. Seja como for, tais alterações surgem para enriquecer o léxico da língua.

No processo de crescimento do léxico da língua, os neologismos têm atraído a atenção de muitos estudiosos do léxico. Como aponta Manzóllilo (2000), existem diversas formas pelas quais os neologismos surgem na língua. Além da criação ex-nihilo (ou seja, a partir do nada) e as que são “fruto de errôneos ou falhos verbetes de dicionários (...) ou de equívoca segmentação do discurso” – cf. Assumpção Jr. (1986:26, nota 32 apud Manzóllilo, 2000). Os neologismos semânticos ou conceptuais, ou seja, a expansão de significado de unidade lexical, ainda fazem parte desse conjunto de alargamento do léxico da língua.

Vale lembrar que os empréstimos linguísticos são provenientes de outro sistema, situação na qual a capacidade criativa dos falantes é abandonada, já que o elemento novo já vem pronto.

A língua tem a possibilidade de enriquecimento lexical. Em tese, o empréstimo não é indispensável, e no caso de nossa cultura que é marcada pelo consumismo em diversas áreas, inclusive, na ciência, tecnologia e outros, quase não se utiliza uma nomenclatura nacional para designar tais termos. Conforme Manzóllilo (2000), “até mesmo a nacionalização das terminologias estrangeiras se torna difícil, dada a rapidez com que surgem novidades.”

Conforme Vilela (1997, p. 34 *apud* Manzóllilo, 2000),

o léxico de uma língua, sem ser uma manta de retalhos, não é um todo homogêneo, constitui o que costumamos designar por diassistema: as palavras de todos os dias convivem com as palavras dos especialistas, as palavras da língua falada (ou estilo coloquial) com as palavras da língua escrita (ou estilo reflectido), as palavras “velhas”, ainda de uso corrente, coabitam com arcaísmos e neologismos, etc.

(...)

Há também o chamado “jargão” das variedades funcionais-contextuais: línguas sectoriais de especialidade, como a linguagem do desporto, da publicidade, da informática, “media”, etc. Há variedades geográficas e variedades sociais.

O empréstimo de palavras é um fato absolutamente normal, verificado em

praticamente todas as línguas, inclusive no português, desde o início de sua formação. Assim, o Brasil se destaca no mundo falante da língua portuguesa pela facilidade com que recebe expressões estrangeiras.

Em nosso país, que é extremamente miscigenado, integrador e sincrético, a maior parte da população não está preocupada com a utilização abusiva ou não de palavras de línguas estrangeiras. Para boa parte da população o uso passa a indicar um certo *status quo*.

Manzollilo (2000) diz:

Em princípio, acrescenta-se ainda todas as línguas, não importa por que povos sejam faladas, podem servir igualmente aos mais variados propósitos, estando em condições de permitir a seus falantes a expressão de ampla gama de sentimentos, desejos, opiniões e vontades. Nem todos os grupos humanos do mundo, entretanto, encontram-se no mesmo nível de desenvolvimento intelectual, o que explica o fato de a hierarquia entre línguas constituir algo extrínseco à própria língua enquanto sistema.

Se por um lado o uso de determinadas línguas estrangeiras são aceitas no espaço linguístico brasileiro, há outro lado que aponta para diversidade linguística e a variedade de línguas indígenas que estão presente nesse território, mas que, no entanto, são tratadas como línguas desprestigiadas, pois o não índio dificilmente se interessa em aprendê-las para, quem sabe, ter uma melhor interação social com os povos indígenas brasileiros. Nesse sentido, quando se pensa essa hierarquia entre línguas, apontada por Manzollilo (2000), e quando visitamos as comunidades Terena, percebe-se sobretudo entre a geração mais jovem essa ânsia em falar somente a língua estrangeira, no caso o português, pois essa é a língua de prestígio e que, de certo modo, indica um *status quo* para essa nova geração terena.

Com relação aos empréstimos na língua terena, uma das autoras de dicionário, Almeida, aponta:

Procuramos constatar como são geradas as unidades lexicais, de forma a preencher as lacunas na língua Terena através dos empréstimos. Percebemos que os empréstimos no Terena são provenientes do contato íntimo entre a comunidade indígena e o português falado na região. Esses empréstimos abundantes são

de domínios técnico e científico do progresso que chegou às aldeias Terena. (ALMEIDA. 2005, p. 58)

Sendo assim, os empréstimos linguísticos na língua Terena são, de certa forma, considerados como uma maneira de preencher lacunas, ou nomear objetos e costumes que não faziam parte do seu cotidiano e de sua cultura. São poucas palavras emprestadas que designam um elemento da natureza, por exemplo, ou qualquer outro objeto ou costume que eles tinham antes mesmo desse contato com o não índio e a língua portuguesa.

3.1 PALAVRAS DO TERENA EMPRESTADAS DO PORTUGUÊS

Para analisar os empréstimos linguísticos do Português na língua Terena, averiguaremos dois dicionários Terena-Português de Almeida (2005) e Silva (2013). Iniciaremos com a elaboração de uma lista de palavras e separamos aquelas que no dicionário possui a indicação de que o verbete é proveniente do português; assim, foram coletados aproximadamente 93 verbetes para esse estudo, para consulta, e apresentaremos essa lista em forma de anexo ao final deste trabalho.

Em segundo lugar, faremos análise de palavras que possuem mais de um registro diferente, depois agruparemos parte delas de acordo com o campo semântico que dividimos nas seguintes categorias: empréstimos com registros distintos, palavras registradas com deslocamento de sentido, palavras referentes ao ambiente escolar, costumes e tradições, alimentos, elementos da natureza, meios de transporte e vestuário, e para cada um desses agrupamentos selecionamos palavras que julgamos ser mais relevantes para o trabalho, totalizando a análise de 53 palavras emprestadas da Língua Portuguesa.

3.1.1. EMPRÉSTIMO COM REGISTROS DISTINTOS

O que de antemão podemos afirmar é que a proposta de Dicionário Infantil Bilíngue de Almeida (2005) apresenta as palavras com uma ortografia mais próxima do português do que o dicionário de Silva (2013). Ao observar a entrada de palavras iguais em ambos os dicionários, percebemos que muito muda na acentuação das mesmas, além disso, o uso de sufixos e prefixos também são elementos que distinguem o léxico de um dicionário para o outro.

Visando essas diferenças, fizemos uma pequena análise com relação à ortografia, à acentuação, prefixos e sufixos utilizados em ambos os registros.

Para a primeira parte da análise partiremos dos léxicos que possuem entradas com registros distintos em ambos os dicionários, o que faremos primeiramente em ordem alfabética. O primeiro verbete que possui essa diferença é o:

(1) (a) **akere** *n.* [Do Port.] alqueire.

(SILVA, 2013)

(b) **ákere**, *n.* [Do Port. Alqueire] saco de sessenta quilos.

(ALMEIDA, 2005)

No caso dessa palavra emprestada do português temos a distinção entre um registro com acentuação, o que pode indicar variação na pronúncia, que será verificada na versão final do trabalho. No entanto, com relação ao empréstimo da língua portuguesa, ele possui diferentes usos na língua de origem: pode ser uma unidade de medida agrária ou de secos e molhados, além disso, pode referir-se ao terreno para o plantio¹⁰. Possivelmente esse empréstimo foi inserido no vocabulário dos Terena devido à proximidade das comunidades sul-matogrossenses a propriedades de terra, e é possível que tenham adquirido o uso desse verbete devido ao contato com não índios proprietários de terra.

Já com relação às duas entradas apresentadas e à acentuação que diferencia as mesmas, temos a seguinte explicação na gramática Terena para a acentuação nessa

10 Significações retiradas do dicionário Aulete Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/alqueire>>. Acesso 16 de agosto de 2015.

língua:

O quadro indica a modificação da acentuação tanto da sílaba tônica quanto do acento próprio. Note-se que os acentos agudo e circunflexo têm valores diferentes em terena do em português. O acento circunflexo significa que a sílaba é mais reforçada e que a vogal da sílaba é prolongada e pronunciada em tom decrescente. O acento agudo também significa que a sílaba é reforçada e o som, seja vogal ou consoante, após vogal acentuada é prolongado. (BUTLER e EKDAHL. 1979, p. 168)

Nesse sentido, há uma possibilidade de que a acentuação nesse caso seja para a marcação da sílaba tônica e esse prolongamento no momento da oralidade, possivelmente pautada nessa possibilidade de acentuação é que Almeida (2005) o fez os registros no Dicionário Infantil Bilíngue.

Já no próximo verbete, observa-se em uma das entradas o acréscimo de um sufixo:

(2) (a) **alúkaxo**, vt. [Do Port.] Alugar.

(ALMEIDA, 2005)

(b) **alukaxoti** v. [*Do Port.*] alugar. **Alukaxoti** ovokuti pitivokoke. “Ela vai alugar uma casa na cidade”.

(SILVA, 2013)

Nesse caso temos o verbo, que no primeiro dicionário apresenta acentuação, no entanto, não se encontra uma explicação para tal. Já em Silva (2013), o verbete é acrescido do sufixo nominalizador *-ti*, que quando aparece na 5ª sílaba possui o caráter de marcar a tonicidade, por esse fato, não há acentuação gráfica.

Com relação ao empréstimo do português, observa-se que o ato de pagar por uma moradia não é algo comum nas aldeias, pois no princípio de comunidade Terena eles trabalham e constroem suas casas. O verbete é evidentemente um empréstimo tanto pela semelhança na grafia do português, quanto pelo fato de tratar-se de um costume que parte do não índio – o ato de alugar um imóvel ou qualquer outro tipo de bem, afinal essa questão capitalista não faz parte dos seus valores.

quanto ao uso do sufixo *-na* temos o seguinte exemplo de empréstimo:

- (3) (a) **âramena**, *n.* [Do Port.] arame usado para cercar terrenos.
(ALMEIDA, 2005)
- (b) **arame** *n.* [Do Port.] arame usado para cercar terrenos.
(SILVA, 2013)

O sufixo *-na* geralmente se une aos substantivos alienavelmente possuídos, mas também tem característica de se aglutinar ao radical das palavras emprestadas, conforme apontam Butker e Ekdahl (1979, p. 53). A palavra emprestada trata de um utensílio, que é um fio de metal flexível¹¹, utilizado principalmente para a demarcação de terras, algo também que não era da cultura Terena; o ato de cercar as casas é recente, mesmo assim o acesso ao quintal do vizinho é livre.

Já no caso do registro da palavra almoço, em Terena, apresenta uma pequena diferença:

- (4) (a) **aramusu**, *n.* o almoço, hora de comer.
(ALMEIDA, 2005)
- (b) **aramusa** *n.* [Do Port.] almoço, hora de comer. Itukotimo aramusa ra Marlene ikeke lumingo. “A Marlene fará almoço domingo”.
(SILVA, 2013)

No registro (a) temos o sufixo *-u* como nominalizador do verbo almoçar, que de acordo com a gramática “este sufixo transforma verbo em substantivo que salienta o objeto resultante da ação verbal” (Butler e Ekdhal, 2014, p. 109). Já no registro (b) a palavra é grafada com o sufixo objetivo *-a*, no entanto não se sabe ainda quais das entradas são utilizadas pelos falantes da língua. Com relação ao ato da refeição em si, os Terena são muito ligados aos momentos de alimentação, é possível que essa seja uma forma atualizada e de apropriação da língua portuguesa para nomear as refeições do

11 Definição do dicionário Aulete Digital, disponível em: <<http://www.aulete.com.br/arame>>. Acesso em 16 de agosto de 2015.

meio do dia.

3.1.2 EMPRÉSTIMO COM DESLOCAMENTO DE SENTIDO

Podemos também observar que existem palavras emprestadas, mas com um deslocamento de sentido, como no seguinte exemplo:

(5) (a) **axúka**, *n.* [Do Port.] açúcar mascavo. V. koâti axúka.

(ALMEIDA, 2005)

(b) **axuka** [Do Port.] *n.* 1) açúcar. 2) rapadura. Itiveti ne **axuka**. “A rapadura é doce”. Tiu'iti **axuka**. “A rapadura é dura”.

(SILVA, 2013)

A única distinção entre os registros é o acento que, provavelmente, é usado para marcar a sílaba tônica. Na língua portuguesa, a palavra açúcar designa produto derivado da cana-de-açúcar, mas não é um nome para a rapadura que, é um desses derivados; já no caso da língua Terena, o aspecto que nos chama atenção é que ela designa não só o produto utilizado para adoçar alimentos, mas também o doce feito da matéria-prima, a cana-de-açúcar, que seria a rapadura. Essa também pode ser uma palavra utilizada devido à influência e o contato com a língua portuguesa, mas é possível que os anciões tenham outra forma para designar essa substância.

O processo escolar nas comunidades indígenas é algo recente, teve início por volta dos anos 1960, por meio de um trabalho de alfabetização feito por missionárias americanas, que posteriormente foram as autoras da gramática da língua, publicada em 1979. No entanto, o direito efetivo à educação escolar indígena foi garantido com a Constituição de 1988, conforme afirmam as pesquisadoras em seu trabalho sobre a educação escolar indígena:

A fundamentação jurídica deste novo momento da educação escolar indígena no Brasil está registrada na Constituição de 1988, que reconhece o direito dos povos indígenas a uma educação escolar diferenciada, que respeite os processos educacionais próprios de cada povo (artigo 210), direito este confirmado em outras leis da educação, como é o caso da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996 (artigos 78 e 79) e do Plano Nacional de Educação, de 2001, no qual a temática da educação escolar indígena figura em capítulo específico (nº 9), com 21 metas. (BERGAMASCHI e DIAS, 2008, p. 24)

Pensando nesse processo que passou a fazer parte da cultura indígena, é que analisaremos os empréstimos a seguir:

(5) *álunoe*,n. [Do Port.] Aluno.

(ALMEIDA, 2005)

Quanto ao empréstimo para nomear o estudante, o registro aparece somente no dicionário de Almeida (2005), não havendo, assim, divergências de ortografia ou acentuação. É possível que, nesse caso, a acentuação seja utilizada para marcar a sílaba tônica. Já investigamos a respeito dos sufixos no final da palavra: *-oe* ou *-e*, mas não encontramos explicações, é provável que assim tenha sido feito para aproximar o empréstimo da forma na língua Terena.

(6) *iskólana*,n. [Do Port.] escola.

(ALMEIDA, 2005)

No registro da palavra que designa o ambiente, o local que a comunidade se dirige para o conhecimento formal, percebemos uma transcrição próxima à fonética da língua portuguesa, como no caso da vogal */e/* registrada como */i/* e a consoante */c/* como */k/*, que representa o som da consoante na forma em Português.

(7) *íngele*,n. [Do Port.] inglês

(ALMEIDA, 2005)

Já com relação à língua estrangeira, percebemos uma epêntese, ou seja, o acréscimo da vogal /e/ no interior da palavra. O acento também aparece como marca da tonicidade do vocábulo, e o desaparecimento do acento agudo e do /s/ na forma do empréstimo na língua Terena.

(8) lapina,*n.* Var. *leapina*. [Do Port.] lápis.

(ALMEIDA, 2005)

Quanto ao objeto utilizado na escola para a escrita, percebemos que nesse caso a autora do dicionário apresentou uma variante. Segue análise de ambos os registros:

(a) lapina

(ALMEIDA, 2005)

No registro (a) é nítido a marca da nasalização, por meio do sufixo –na; outra possibilidade é que ele marque o possessivo em substantivos (“meu lápis”).

(b) leapina

(ALMEIDA, 2005)

Em (b) há o acréscimo da vogal /e/ antes. Por se tratar de uma variante é algo que marca a forma de falar, mas não há nenhuma explicação na gramática sobre essa formação /ea/ no interior da palavra, apenas quando ela aparece na posição de sufixo.

(c) Lámbina

(BUTLER e EKDHAL, 1979)

Quanto a esse registro encontrado na gramática, também podemos considerar

uma variante do uso desse empréstimo. A sua formação indica a seguinte significação “meu lápis”, a sua formação indica que o uso do possessivo fica na primeira pessoa do singular.

Outro registro para esse empréstimo encontrado na gramática foi o seguinte:

(d) lâpi

(BUTLER e EKDHAL, 1979)

Nesse caso, o acento circunflexo marca um reforço na pronúncia da vogal. Observe a explicação das autoras da gramática: “O acento circunflexo significa que a sílaba é mais reforçada e que a vogal da sílaba é prolongada e pronunciada em tom decrescente.” (Butler e Ekdhal, 1979, p. 168). Sendo assim, percebemos que ocorre uma variação no nível da prosódia. Observe o exemplo:

(e) lápi

(JORDÃO, 2013)

No exemplo (e) há uma mudança na utilização do acento; é importante lembrar que esse registro foi feito pela pesquisadora em 2013, mais de 30 anos após o primeiro registro, que foi o da gramática. Nesse caso, o acento agudo possui a seguinte função: “O acento agudo também significa que a sílaba é reforçada e o som, seja vogal ou consoante, após vogal acentuada, é prolongado.” (Butler e Ekdhal. 1979, p. 168). Podemos averiguar, nesses casos, que os empréstimos ao longo do tempo também sofrem transformações constantes, principalmente no seu uso, no nível da prosódia.

(7) lísauna,n. [Do Port.] lição.

(ALMEIDA, 2005)

Nesse caso, o que podemos ressaltar é a marca do /-ção/, o aspecto de representação fonética é nítido, já que na língua portuguesa palavras terminadas em /-ção/ na [ãɥ] transcrição fonética tornam-se, de acordo com (Silva, 2007, p. 52). O uso do sufixo /-na/

possuidor, que marca “minha lição”, ou pode ser um modo de reconhecer que se trata de uma palavra emprestada, como é o caso desse exemplo.

Ao pensar que o processo escolar indígena é algo recente, que teve sua efetividade apenas após a Constituição de 1988, podemos afirmar que os empréstimos relacionados a esse ambiente, essa questão da educação formal, é feito devido ao fato de ser algo recente e incorporado na cultura não só dos índios Terena, mas certamente na cultura de outras etnias espalhadas pelo Brasil.

3.1.3 REGISTROS DE EMPRÉSTIMOS DE COSTUMES E TRADIÇÕES DO OUTRO

É difícil tentar conceituar cultura na “fronteira” dos contatos linguísticos. Definir o que é do outro e o que foi apropriação do mesmo é algo arriscado. No entanto, baseado nos questionamentos a respeito de cultura e hibridismo, tentaremos analisar palavras emprestadas que designam elementos de costumes e tradições que “pertencem” ao outro, de acordo com as concepções e reflexões acerca do assunto feitas pelo pesquisador Souza (2010), que faz questionamentos a respeito da cultura, pensando no ensino de línguas e línguas em contato.

Quando Souza (2010) aborda a questão do conceito de nação, ele afirma que muitas vezes consideramos uma “homogeneidade”, ou seja, tratamos como uma só as culturas e línguas nacionais. O pesquisador salienta em seu texto que “a homogeneidade é ainda mais difícil de digerir em um país pós-colonial como o Brasil” (Souza, 2010, 290). Ainda sobre esse processo de colonização o autor afirma:

A colonização imigratória, como a das Américas, intensificou e complicou os contatos interculturais ao ponto de tornar nações como o Brasil simultaneamente pós-colonial – em relação ao antigo poder colonial – e neocolonial em relação às culturas indígenas pré-coloniais que permanecem vivas em seu território. (SOUZA, 2010, 290).

Pensar e questionar a questão da homogeneidade das culturas e línguas, refletir

sobre o processo de colonização brasileira, nos remete ao fato de que o Brasil é um país, mas com muitas culturas, ou seja, inúmeras nações dentro de uma nação. Nesse sentido, limitar a dizer que isso é do homem branco e isso é do indígena é superficial.

Faz-se necessário uma pausa para uma reflexão a respeito do lugar da cultura e das culturas em contato. Sobre os enfrentamentos entre a tradição e o moderno, Bhabha afirma:

O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. (...) Os embates da fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade (...). (BHABHA, 1998, p. 21)

Olhar apenas para as tradições dos povos indígenas não nos dá um conhecimento total de sua identidade, pois essa homogeneidade cultural não acontece, os povos indígenas brasileiros são heterogêneos em suas culturas, em suas tradições. Esse dado prevalece também sobre a realidade dos povos Terena, que em contato em constante com a “cultura do outro”, do não índio, já incorporou muitos costumes a sua realidade atual. Foi pensando nos costumes e tradições que nos remetem a uma modernidade até certo ponto das comunidades Terena é que observaremos os empréstimos apresentados deste tópico.

(11) ôrana, *n.* [Do Port.] hora, tempo.

(ALMEIDA, 2005)

O sufixo *-na* é algo que caracteriza que as palavras são emprestadas, por isso é utilizado em várias delas, como no caso demonstrado acima, segundo apontam Butler e EkDAH (1979, p. 54).

A partir do empréstimo ôrana, palavra que caracteriza a contagem do tempo, en-

contramos também uma tabela, que deixa ainda mais claro a utilização desse costume, incorporação do mesmo, pelos índios Terena. Observe os dados coletados por Jordão (2013, p. 552) na educação básica:

- 1 hora – Póhuti ôra
- 2 horas – pi'âti ôra
- 3 horas – mopo'âti ôra
- 4 horas – Kuáturu ôra
- 5 horas – singu ôra
- 6 horas – Sêi ôra
- 7 horas – Séti ôra
- 8 horas – Oítu ôra
- 9 horas – nove ôra
- 10 horas – Yéhi ôra
- 12 horas – Ndûze ôra

A representação das horas são muito próximas às palavras do português, sobretudo os números. Possivelmente esse empréstimo foi incorporado ao cotidiano Terena, pois o contar não era algo que eles faziam antes de terem maiores compromissos com o trabalho junto de não indígenas, ou com a escola. Conforme suas necessidades foram mudando, ele foram adaptando esses empréstimos a sua nova realidade na comunidade.

Nesse sentido, a nomenclatura para designar o momento das refeições são empréstimos do Português, mesmo que os índios Terena valorizem o momento das refeições, o momento de confraternizar e estar com a família.

(12) njanta,*n.* Var. *yanta*. [Do Port.] janta.

(ALMEIDA, 2005)

Apesar desse costume já fazer parte do seu dia a dia, é possível que eles não tivessem um nome para isso, por esse fato utilizam o empréstimo, justamente por valorizarem o sentar à mesa e desfrutar de um saboroso alimento.

A estrutura desse registro é marcada pela presença da consoante /n/ que, de acor-

do com a gramática de Butler e Ekdhal (1979, p. 9), quando precede uma outra consoante marca uma pré-nasalização.

(13) **kasatu** *n.* [*Do Port.*] casamento. Apetimo **kasatu** luminguke. “Haverá casamento no domingo”. (→ **ikorokovoti**).

(SILVA, 2013)

O casamento foi uma convenção social introduzida e incentivada provavelmente após a chegada dos missionários; as cerimônias de casamento são comuns entre os índios Terena, porém eles se apropriaram da palavra vinda do Português.

Esse exemplo é grafado com marcas da fonética, ou seja, dos sons das consoantes do Português, /c/ representado pelo fonema /k/ , /o/ é substituído pelo som do alogone /u/.

3.1.4 EMPRÉSTIMOS PARA DESIGNAR ALIMENTOS

Os empréstimos de palavras que denominam alimentos são utilizados nos casos que apresentaremos. Por tratarem de frutas e condimentos colhidos direto da natureza, não caracterizam o cultivo nas regiões que os índios Terena vivem, ou seja, não são frutos que possuem origem no ambiente do cerrado. Hoje já é possível visitar uma comunidade indígena e observar quintais com plantação de laranja, manga, banana, mas não são alimentos típicos do cerrado.

A seguir, apresentamos o exemplo de um empréstimo utilizado para denominar um tempero muito utilizado na culinária brasileira:

(14) **ayu** *n.* [*Do Port.*] **alho**. Uheti ne hopu'iti nakaku xanenake ayu. “O arroz branco temperado com alho é gostoso”. (planta, *Allium*)

(SILVA, 2013)

O modo de registro desse tempero nos chama a atenção, pois na oralidade de fa-

lantes brasileiros do Português, principalmente se pensarmos no dialeto caipira, “aio”, no caso da representação na língua Terena há a mudança de /i/ para /y/, ocorrendo assim uma palatalização.

O quiabo é uma planta que não possui origem comprovada. Embora haja uma incerteza quanto a esse fato, suspeita-se que, no Brasil, ele tenha vindo junto dos escravos, por ser um ingrediente muito utilizado em pratos tipicamente africano.¹²

(15) keápuna, n. [Do Port.] quiabo.

(ALMEIDA, 2005)

Com relação ao registro dessa palavra, podemos observar os seguintes aspectos: o /qu/ é para a forma fonética /k/, o acento agudo para marcar a tonicidade da palavra, a mudança da consoante /b/ por /p/, a vogal /o/ por /u/ e a nasalização por meio do sufixo possuidor /-na/, que de acordo com Butler e Ekdhal (1979) são utilizados nos empréstimos.

O próximo alimento que foi incorporado no vocabulário Terena é para denominar um queijo, alimento degustado em praticamente todo o mundo. Em Português, a palavra apresenta origem do latim popular “caseus”.¹³

(16) kehu n. [Do Port.] queijo. Avo aunati ra kehu. “O queijo ainda não está bom”.

(SILVA, 2013)

Nesse caso, novamente verificamos a mudança de /qu/ por /k/, a supressão do ditongo representado pelo /ei/, restando apenas /e/; em seguida percebemos o /h/ ao invés de /j/ e o alofone /u/, que comumente aparece no final dos vocábulos emprestados.

12 Informações sobre o alimento retirado do Centro Paranaense de Referência em Agroecologia – CPRA. Disponível em: <<http://www.cpra.pr.gov.br/arquivos/File/Quiabo.pdf>>. Acesso em 3 de dezembro de 2015.

13 Expressão retirada do *Dicionário Aulete Digital*. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/queijo>>. Acesso em 4 de dezembro de 2015.

O próximo empréstimo diz respeito a um alimento que chegou às mesas dos brasileiros ainda no período de colonização, um fruto vindo provavelmente do nordeste da África (Martins, 2008) e que hoje faz parte do dia a dia do povo brasileiro, os índios Terena,

(17) káfena,n. [Do Port.] café.

(ALMEIDA, 2005)

No termo Káfena averiguamos o uso do fonema /k/ ao invés de /c/, já o acento agudo marca que a palavra pertence à classe dos substantivos e o sufixo /-na/, demonstrando que essa é uma palavra emprestada.

Encontramos o registro de uma receita que os brasileiros usam muito, como o bolo; nesse caso, percebemos que o empréstimo é apresentado com algumas características que são comuns às palavras vindas do Português para a língua Terena. Observe:

(18) (a) mbulu n. [Do Port.] bolo. Pu'iti yeu ra **mbulu** mbara. “Eu ganhei um pedaço grande de bolo”.

(SILVA, 2013)

O empréstimo em (a) possui marca de pré-nasalização, que ocorre quando a consoante /m/ ou /n/ aparece adiante de outra consoante, mesmo que seja no meio ou no final da palavra de acordo com Butler e Ekdhal (1979). Outra característica que aparece nesse exemplo é a troca do /o/ do registro do Português pelo /u/ na forma em Terena.

A seguir, apresentamos essa palavra que possui registro no outro dicionário, porém ela não é marcada como vinda do Português:

(b) mbulu,n. bolo dos brancos, torta.

(ALMEIDA, 2005)

Nesse caso, o que mais nos chama a atenção é a descrição da significação da pa-

lavra registrada no dicionário “bolo dos brancos”, o que nos remete a algo que pertence ao outro. Sendo assim, acreditamos ser pertinente aqui uma breve reflexão: se um indígena comer “bolo dos brancos” vai deixar de ser índio? Ele não pode ter acesso àquilo que acha pertinente na cultura do outro e inserir aos seus costumes e comportamentos sem deixar de ser índio?

Podemos reconhecer que “o bolo” não é da tradição dos índios Terena. Nessa tentativa de demonstrar que essa iguaria agora faz parte do cardápio dessa comunidade, é que se utilizou “bolo dos brancos”, no entanto, “hamburger” não pertence à culinária brasileira, e não encontramos no dicionário um registro de “sanduíche de alemão”, ou “sanduíche de hamburgo”.

Nesse sentido, o que a autora da gramática quis dizer é que “bolo” é o empréstimo para bolos à base de trigo, tais como: bolo de chocolate, de laranja e tortas, já que o registro para bolo na língua Terena faz referência apenas a um tipo de bolo, que é o bolo de mandioca. Observe: “Hîhi, n. espécie de bolo de mandioca cozido na folha da bananeira.” (Silva, 2013, p. 35).

Dessa forma, vemos nesse caso um pequeno conflito linguístico entre a tradição e o moderno; o ato de fazer bolo, pelo olhar do não índio, pode ser considerado “moderno”. Todas as vezes que visitamos as comunidades Terena, sempre fomos bem recebidos com mesas fartas dessa iguaria, mas até onde essa receita pertence ao branco? Será que o hambúrguer já não faz parte da culinária brasileira? Essas são algumas das fronteiras em que percebemos que somente há um viés para reflexão a partir dos aspectos de tradição e modernidade, que por vezes se confrontam, mas também agregam valores, como já citamos no tópico a respeito de costumes e tradições.

(19) **melatu** n. [Do Port.] melado. Oro'okovoti ra **melatu**. “O melado está queimado”.

(SILVA, 2013)

(20) **merum** n. [Do Port.] melão. Itiveteti ra **merum**. “O melão é doce”.

(SILVA, 2013)

Seguimos com as palavras registradas que designam alimentos, ou até mesmo nomes de receitas. Apresentamos os exemplos (19) e (20). No primeiro empréstimo, podemos observar que temos apenas a mudança nas consoantes /d/ por /t/, foneticamente possuem sons próximos, devido ao ponto de articulação; averiguamos que ambas são oclusivas e dental, e que se distinguem apenas pelo fato de que /t/ é desvozeada e /d/ vozeada, de acordo com estudos de Silva (2007, p. 37). O melado é um “doce” em forma de calda, produzido a partir da cana-de-açúcar, que pode transformar-se em rapadura. É possível que o empréstimo tenha sido feito com o início das plantações de cana, que possui cultivo recente na região do Mato Grosso do Sul.

Já em (20) há a mudança no uso do /ãõ/ por /um/. Em português, o uso de /ãõ/ implica em uma nasalização na pronúncia; no entanto, no Terena, não há registros de que o uso do fonema /m/ após vogal seja nasal. Essa fruta não é típica da região do pantanal sul mato-grossense, esse é um fator que caracteriza o uso do empréstimo linguístico do Português.

(21) mokotona,n. [Do Port.] mocotó, pé de vaca cozido com mandioca.

(ALMEIDA, 2005)

Em (21), observamos o registro da palavra com o sufixo possuidor /-na/. Na descrição da palavra deveria constar como “meu mocotó”, apenas opção de uso do fonema /K/ por representar o som da fala. Mocotó é uma comida que os índios Terena consomem constantemente, pois é um prato que possui como ingrediente a mandioca, alimento que eles geralmente cultivam e é muito comum nas casas das famílias sul-matogrossenses, sejam elas índios ou não índios.

(22) (a) pânana,n. [Do Port.] banana.

(ALMEIDA, 2005)

(b) panana n. [Do Port.] banana. Enone **panana** itovoti ya xuvekuke kavaneke. “Já tem muitas bananas maduras na roça”.

(SILVA, 2013)

A palavra em Terena para representar “banana” revela também apenas uma distinção causada pelo acento para marcar a tonicidade da mesma. Com relação ao uso dessa forma para uma fruta, nos revela tal influência da língua do não índio, já que, por tratar-se de um tipo de alimento que os Terena costumam obter em seus quintais e ser algo que está presente em seu dia a dia, se apropriaram do uso vindo da língua portuguesa.

Um caso semelhante ao empréstimo citado é o da palavra:

(22) naranga *n.* [Do Port.] laranja. Ako aitivehiko ra **naranga**. “As laranjas não são doces”.

(SILVA, 2013)

Essa é uma possibilidade para essas apropriações para designar algumas frutas, seja pelo fato de não se tratarem de frutas do cerrado, mas que foram agregadas às suas mesas após o acesso do povo ao mercado, podendo, assim, conhecer e nomear os novos alimentos.

Após verificar alguns registros em comum entre os dicionários consultados, trataremos de entradas apresentadas em um e no outro não, nos fazendo perceber uma lista de palavras emprestadas do português.

O exemplo a seguir mostra esses fatos, fatos estes que foram incorporadas com a chegada da luz elétrica às aldeias. Esse avanço deu acesso a novas tecnologias, como o uso de eletrodomésticos, que antes não possuíam.

(23) njelu *n.* [Do Port.] gelo. Uke'ene itureyea ra **njelu**. “O gelo acabou de derreter”.

(SILVA, 2013)

Para os Terena, o gelo era algo impossível de ser pensado antes da energia elétrica. A partir do momento em que eles têm acesso a esses novos elementos, como o uso da geladeira, algo que não é de sua cultura, surge a necessidade de nomear ou se apropriar dos nomes de outra língua para designar esse determinado objeto, que agora faz

parte do seu uso diário.

A seguir, temos o empréstimo de um prato típico dos pantaneiros. Não sabemos ao certo se é algo de costume do Mato Grosso do Sul, aliás, é importante salientar que esse estado por encontrar-se na região Centro-Oeste, em uma localização privilegiada entre Sul, Sudeste e Norte e fronteira com Paraguai e Bolívia, é natural que incorpore muito do “outro”. Nesse sentido, é difícil definir uma culinária, arte e costumes típicos dessa região, pois muitos são heranças de outros estados do Brasil, como: do Sul, da fronteira, norte, nordeste, além dos imigrantes árabes e japoneses. Resumindo, é um estado de uma transculturalidade imensa, dizemos isso, para deixar claro que é difícil os índios Terena não incorporarem essas receitas e costumes mediante a essa heterogeneidade cultural.

(24) pasókana, n. [Do Port.] paçoca: carne cozida socada junto com farinha, V. kapásikoa.

(ALMEIDA, 2005)

Esse empréstimo designa uma receita salgada vinda do Piauí¹⁴, mas incorporada à cultura local do Mato Grosso do Sul, sobretudo na região do pantanal, onde se localizam as comunidades Terena, que, devido a esse fato, houve o empréstimo. No registro na língua Terena há a queda do /ç/, consoante que não aparece no alfabeto dessa língua, por isso, utilizam-se o /s/, e o /k/, representando o som e o sufixo possuidor -na.

(25) pexou [Do Port.] n. feijão. Eno **mbexouna** kavaneke. “Tenho muito feijão na roça”. Eno **pexou** none ra eungo ya isaneke. “Meu tio tem muito feijão plantado na roça”.

(SILVA, 2013)

14 O livro *Aromas, Cores & Sabores do Brasil* apresenta esse prato como típico do bioma Caatinga, dentre os estados que servem esse prato está o Piauí. Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/livreto_web17062013.pdf>. Acesso em 5 de dezembro de 2015.

Já no livro *Culinária típica brasileira*, a receita aparece como sendo típica do Piauí. Disponível em: <http://www.bfcexperience.com.br/brazilianfootballcafe.com.br/pdf/culinaria_brasil.pdf>. Acesso em 05 de dezembro de 2015.

A palavra feijão não é uma vagem típica da região do pantanal, talvez por esse fato tenha sido feito o uso da palavra vinda do Português. A respeito da sua formação na língua Terena, notamos que houve a mudança de /f/ por /p/, fonemas distintos em seus aspectos fonéticos, a primeira caracteriza-se por ser uma fricativa, desvozeada e labiodental, já a segunda é uma oclusiva, bilabial, mas também desvozeada. Não há na grafia em Terena o ditongo /ei/ permanecendo apenas a vogal /e/. Além disso, é evidente também a alteração da consoante /j/ do português, para /x/ na língua indígena. Ambas, nesse caso são fricativas e alveolopalatais, porém diferem-se pois, a primeira é vozeada e a segunda desvozeada.

(26) xapau *n.* [*Do Port.*] mamão. Enepora **xapau** kararaunati. “Este mamoeiro é mamão macho”. Mbiho kavaneke veyombonoti koitovokone **xapau**. “Eu fui na roça pegar mamão para amadurar”.

(SILVA, 2013)

No caso da palavra mamão ocorre um fato interessante, pois há uma maior distinção na grafia. A unidade mais próxima do Português para o Terena é /-au/, em vez de /-ão/.

Com relação a fatores que contribuem para esse empréstimo, a origem desse fruto deu-se na América Central, na região do México ao Panamá, mas foi durante as explorações espanholas que foi levado para a África e, sabendo disso, é provável que tenha chegado ao Brasil com os escravos (Rigotti. s/d, p. 3).

Sendo assim, sabemos que não é um fruto típico do ambiente do pantanal, apesar de já estar inserido a um dos frutos bastante consumidos no Brasil, por isso há a utilização de um verbete emprestado da língua portuguesa.

3.1.5 PALAVRAS PARA NOMEAR ELEMENTOS DA NATUREZA

As comunidades Terena do Mato Grosso do Sul em sua maioria encontra-se no

interior do Estado e na região do Pantanal, assim é natural que eles possuam um vocábulo extenso de elementos da natureza, sendo assim, nessa seção reunimos alguns empréstimos relacionados a esse campo semântico.

(27) **etaruma** n. [Do Port.] tarumã. Xunati ihopune ne **etaruma**. “O tarumã possui um cheiro muito forte”. (planta, *Vitex montevidensis*).

(SILVA, 2013)

Nesse registro percebemos o acréscimo /e/, esse prefixo, de acordo com a gramática, possui a função de intransitivador ou verbalizador, no entanto, não é o que ocorre no caso desse empréstimo, pois se trata de um substantivo.

Outro fato que nos chama a atenção é o registro do verbete no dicionário de Língua Portuguesa:

(ta.ru.mã) Angios. sm.

1. Nome de várias árvores e arbustos do gên. *Vitex*, da família das labiadas; TARUMAZEIRO

2. AM Árvore (*Vitex orinocensis*) da fam. das verbenáceas, comum em áreas florestais (esp. às margens de rios); por isso sua madeira é us. em estruturas em lugares úmidos.

3. Árvore (*Vitex montevidensis*) nativa do Brasil, de drupas comestíveis, cuja madeira é us. em construção civil, e cujo óleo tem fins medicinais; AZEITONA-DA-TERRA; AZEITONA-DO-MATO; TURUMÃ

[F.: Do tupi taru'mã]

(Aulete Digital)¹⁵

O registro aponta para a origem da palavra vinda do Tupi, porém incorporada ao português brasileiro e emprestada pela etnia Terena para referir-se a essa árvore nativa do Brasil, comum às margens de rios. Os lugares que os Terena habitam geralmente são próximos aos rios, isso explica o fato que pode tê-los influenciado a fazer uso dessa palavra.

A seguir, averiguaremos um verbete registrado nos dicionários que estamos

15 Verbetes consultado no *Dicionário da Língua Portuguesa Aulete Digital*. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/tarum%C3%A3#ixzz3tZbroGLZ>>. Acesso em 6 de dezembro de 2015.

utilizando para a coleta dos dados. Ambos os registros nomeiam o mesmo tipo de animal, a galinha carijó, que possui a característica de uma ave pequena.

(28) (a) **karîxo**, *n.* [Do Port.] carijó, espécie de galinha pequena.

(ALMEIDA, 2005)

(b) **karixo** *n.* [Do Port.] galinha carijó (ave, *Gallus gallus domesticus*)

(SILVA, 2013)

Em (a), observamos que há o registro com o uso do acento agudo, que a vogal da sílaba, no caso [i], é reforçada e prolongada, mas em tom decrescente (Butler e Ekdhal. 1979, p. 168), essa é a única distinção entre os verbetes (a) e (b). Mas com relação às mudanças da Língua Portuguesa para o Terena percebemos o uso do fonema /k/ na representação do som de /c/, e o fonema /x/ no lugar do /j/; outro fato que nos chama a atenção é a queda do acento agudo, demonstrando uma mudança na posição da sílaba tônica, quando passa de uma língua para a outra.

(29) **lavona** *n.* [Do port.] lagoa. Evakaxu ne **lavona**. “Tem capivara na lagoa”

(SILVA, 2013)

O registro de uma palavra que nomeia algo que faz parte do ambiente pantaneiro, lagoa, pois talvez não tivessem uma forma específica para nomear um rio pequeno. Na região do Pantanal é comum que elas se formem nos períodos de cheia e sequecem com a estiagem.

A mudança de uma língua para a outra ocorre nos fonemas /g/, oclusiva, vozeada, velar pela fricativa, vozeada, labiodental /v/.

(30) **tangi** *n.* [Do Port.] tanque, açude. Enepone **tangi** itikovone une ya. “O açúde não tem mais água”.

(SILVA, 2013)

O verbete em (30) pertence ao mesmo campo semântico de (29), a diferença é que o açude, diferentemente da lagoa, pode aparecer em meio às chuvas de maneira mais natural. Pode surgir de um terreno acidentado que se enche de água, como pode também ser construído pelo homem e sua principal finalidade é a de suprir a necessidade que o gado tem de água; normalmente os tanques são construídos próximo às pastagens, para que o gado não percorra grandes distâncias para saciar sua sede.

O empréstimo possivelmente ocorreu após os índios Terena passarem a ter as suas próprias criações de gado e a sentir a necessidade de sustentá-las com água. Mesmo que não possuam esse costume de obter grande quantidade de gado em suas terras, muitos sobrevivem trabalhando em propriedades agropecuárias e por isso surgiu a necessidade de inserir esse termo a sua língua materna.

Quanto a alguns verbetes ainda relacionados a essa nova forma de sobrevivência e ao contato com as fazendas da região das aldeias, temos:

(31) **туру** *n.* [Do *Port.*] touro. Enepone **туру** ipuhokovoti. “O touro é bravo”. (mamífero, *Bovinae*).

(SILVA, 2013)

A principal transformação que ocorre nesse verbete do Português para o Terena é a ausência do ditongo decrescente /ou/ e que a palavra termina com o alofone de /o/, no caso com /u/.

Uma hipótese do empréstimo desse nome é o fato de que o ato de castrar bezerrinhos, ou até mesmo de criar, ou cuidar, veio do contato com a cultura do outro e possivelmente dos trabalhos que passaram a realizar em fazendas próximas às comunidades indígenas.

Já na expressão para designar vaca, a mudança na estrutura é apenas o fonema /c/ representado em Terena por /k/, observe:

(32) (a) **vaka** *n.* [Do *Port.*] vaca. Kinatinoe ne **vaka** ovoti ya oyonokutike. “As

vacas da fazenda são gordas”. Eyekoxoatimo nza'a koxe'exayeanne ra mbeyo **vaka**. “Meu pai vai receber a notícia de que a minha vaca deu cria”. Kotukoti xene **vaka** ra hoyeno. “O homem está tirando leite da vaca”.

(SILVA, 2013)

É provável que devido ao contato com a cultura do agronegócio, típico na região e que movimentou a economia do estado, os indígenas inseriram o termo ao seu vocabulário, além do fato de que o churrasco é algo que está presente mesmo nas festas típicas dos Terena, evidenciando essa fronteira cultural que há entre Terenas e não índios.

Outro fato que nos chamou atenção a respeito desse registro, foi o deslocamento de sentido que encontramos em um vocábulo. Veja:

(b) Vaká. vaca ou carne.

(JORDÃO, 2013)

No registro feito a partir de coletas no ensino básico em escolas indígenas, a pesquisadora aponta um deslocamento, não somente referindo-se ao animal, mas também ao seu derivado, a carne, alimento muito consumido nessa região, tanto por índios como não índios. Uma distinção que encontramos na grafia é apenas o uso do acento agudo.

(33) vui n. [Do Port.] boi. Mekuke enepora vui mbiu koe mikukoti koreta. “Antigamente o boi era um bom puxador de carreta”.

(SILVA, 2013)

O empréstimo utilizado para nomear outro animal que é criado na região é a do exemplo (33). Nesse caso, o que queremos ressaltar é o fato da mudança das consoantes /b/ por /v/, isso nos faz pensar em uma possibilidade de influência da língua espanhola, na escrita de palavras emprestadas para o Terena.

Essa hipótese nos faz refletir sobre a localização de comunidades Terena, em cidades que são relativamente próximas ao Paraguai e em que o trânsito de pessoas que

falam espanhol e guarani é algo comum, proporcionando contato entre línguas e possibilitando que incorporem aspectos das línguas que possuem contato.

(34) **mbisuru** n. [Do Port.] besouro. Eno **mbisuru** ya yoti. “A noite tem bastante besouro” (inseto, *Coleoptera*).

(SILVA,
2013)

(35) **ngarama** n. [Do Port.] grama.

(SILVA, 2013)

Apesar dos exemplos (34) e (35) serem distintos com relação às suas significações, comentaremos a respeito de algo em comum que os dois verbetes apresentam. Nesse sentido, pode-se afirmar que ambos os registros possuem uma grafia que marca a nasalização das palavras na forma em Terena. Como explicamos, de acordo com a gramática de Butler e Ekdhal (1979), a nasalização ocorre quando os fonemas nasais /m/ e /n/ aparecem diante de consoantes. A diferença é que a primeira é nasalizada pelo fonema /m/ e a segunda, por /n/.

Com relação aos sentidos, em (34) há o registro em Terena para a palavra “besouro”, mas o registro na língua indígena nos faz pensar no falar do português brasileiro, quando os falantes trocam a vogal /e/ pelo alofone /i/, pronunciando “bisouro”, “bisoro” ou “bisoru”.

Em (35), o que mais nos chamou a atenção foi o acréscimo da vogal /a/, “ngarama”, desfazendo o encontro consonantal que ocorre no Português, mas é extinta na língua Terena.

Após a breve análise de palavras que designam elementos da natureza, percebemos que muitos dos empréstimos são utilizados para nomear animais e tipos de rios, e que antes do contato com o outro (o não índio), eles não tinham uma palavra mais específica em sua língua para se referirem a esses elementos, por isso pegaram emprestada a do outro, do não índio, por ser uma língua com que estão em constante contato.

3.1.6 NOMEAR UTENSÍLIOS E OBJETOS COM EMPRÉSTIMOS DO PORTUGUÊS

A seguir, analisaremos palavras que coletamos que nomeiam utensílios e objetos de maneira mais ampla, para mostrar quais foram as mudanças estruturais e sociais que as comunidades Terena sofreram ao fazer uso desses verbetes.

Um empréstimo relacionado na maioria das vezes ao registro de um objeto, que antes era somente utilizado pelo não índio e demonstra que os índios Terena utilizam novas tecnologias, para uma melhor qualidade de vida em suas aldeias, mas sem perder suas raízes culturais, apenas adaptam as ferramentas às suas novas necessidades.

(36) atupu n. [*Do Port.*] adobe, tipo de tijolo.

(SILVA. 2013)

As casas dos índios Terena, nos primórdios, eram construídas a partir da seguinte matéria-prima de acordo com registros históricos: telhado de sapé ou folhas acurí, com paredes de caibros e ripas, com uma altura de aproximadamente 1,60 no modelo de casa de duas águas (Bittencourt e Ladeira, 2000, p. 113). No entanto, conforme as necessidades das comunidades indígenas foram mudando, é natural que eles tenham optado por construir casas com materiais mais resistentes, como o tijolo. Nesse sentido, a palavra emprestada vem do português *adobe*, que já não é mais tão utilizado para referir-se a um tipo de tijolo, e que podemos considerar um arcaísmo da língua portuguesa. O adobe é um tipo de tijolo feito à base de barro, ou uma terra argilosa¹⁶, segundo o dicionário da língua Terena.

No registro desse empréstimo há a transformação “dobe” por “tupu”, mas é importante frisar que a vogal “a”, nesse caso, não é um prefixo de negação, é apenas a marca do empréstimo que permaneceu no registro em Terena.

16 Definição do verbete adobe retirado do glossário do Fortalezas.org, projeto que apresenta construções de fortes e monumentos históricos brasileiros online. Disponível em:<http://fortalezas.org/?ct=verbetes_busca_lista>. Acesso em 28 de novembro de 2015.

O próximo objeto apresentado é a escova, não se sabe o tipo: se uma escova de lavar roupa, uma escova para pentear os cabelos ou ainda uma escova de dente, que são utilizados para finalidades diferentes, apesar de possuírem o mesmo nome em Língua Portuguesa.

(37) iskova, n. [Do Port.] escova

(ALMEIDA, 2005)

Quando grafada em Terena, há mudança na vogal inicial /e/, que passa a /i/, como um registro da oralidade do português brasileiro; e o fonema /k/ representando o fonema /c/, utilizado na forma em Português.

A expressão (38) passou a ser utilizada no Brasil com a chegada dos Portugueses. “Gamela” tanto pode ser uma bacia grande de madeira utilizada para colocar alimentos para os animais, como os porcos, quanto para colocar a refeição dos escravos, de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Aulete Digital.¹⁷

(38) kame’elana, n. [Do Port.] gamela, bacia de madeira.

(ALMEIDA, 2005)

Incorporada à língua Terena, a expressão refere-se à bacia de madeira. No registro, observamos a mudança do fonema fricativo /g/ pelo fricativo /k/, foneticamente a única distinção entre os dois fonemas é que uma é vozeada e a outra não; outro fato que ainda não havíamos percebido em outros empréstimos, foi a vogal /e/, que foi acrescida.

O próximo empréstimo mostra uma mudança na sociedade Terena. Há muito, sua cultura econômica era baseada na agricultura de subsistência, sem fins comerciais, mas conforme a suas necessidades sofreram transformações, com acesso à escola e ao contato com não índios, proporcionaram a venda de frutos do cerrado e de seu plantio, tais como: pequi, feijão, vagem, milho, mandioca e guavira.

17 Significado da palavra Gamela. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/gamela>>. Acesso em 7 de dezembro de 2015.

(39) **katera** *n.* [Do Port.] carteira. Kuxotine ra **ngaterana**. “A minha carteira é velha”

(SILVA, 2013)

Não é uma especificação quanto ao tipo de carteira, bolsa de couro para guardar dinheiro e documentos pessoais, ou um tipo de mesa ou cadeira utilizado na escola, ou até mesmo um tipo de documento. Mas tomaremos o sentido como o primeiro citado, tipo de bolsa pequena. Sendo assim, podemos dizer que foi um objeto que passou a ser utilizado a partir do momento em que eles tiveram contato com a moeda nacional, com o trabalho remunerado para sua sobrevivência.

Alguns empréstimos não representam avanços tecnológicos, apenas demonstram que passaram a ser utilizados a partir do contato com o outro, aquele que tinha um costume distinto dos Terena. A palavra lenço designa um desses objetos:

(40) **lehu** *n.* [Do port.] lenço. Kopiti'iti ra **lehu**. “O lenço está sujo”. Inamatiko ra **lenzuna**. “O meu lenço é novo”. Ivarereoti ra **lihuna**. “O seu lenço está rasgado”.

(SILVA, 2013)

As transformações sofridas ao incorporar o vocábulo à língua Terena, foram as seguintes: /ç/ é representado por /h/, consoante que é utilizada com constância na língua Terena, no entanto, não se sabe se o segundo fonema possui pronúncia na língua Terena.

O exemplo (44) evidencia a contagem das horas por meio de uma tecnologia.

(44) **lelojiu**, *n.* [Do Port.] relógio.

(ALMEIDA, 2005)

Com as mudanças na sociedade indígena, que passaram a estudar, trabalhar fora da aldeia e ter novos deveres, sentiu-se a necessidade de contar as horas, afinal eles não são uma comunidade que vivem em meio à mata, mas relativamente próximos a perí-

metros urbanos, que contribuem para que essas transformações ocorram de forma natural.

O registro é feito mudando o /r/ pelo /l/ e /g/ por /j/, que representa o som exato, evitando possíveis semelhanças fonéticas.

Os registros de (46), (47) e (48) são empréstimos que nomeiam tecnologias estritamente ligadas ao trabalho:

(46) mákina, *n.* [Do Port.] máquina de costura.

(ALMEIDA, 2005)

(47) matélu, *n.* [Do Port.] martelo.

(ALMEIDA, 2005)

(48) maxete *n.* [Do Port.] machete. Itatakoti tuti ra **maxete**. “O cabo da machete está quebrado”.

(SILVA, 2013)

As palavras em (46) e (47) estão ligadas a um contato com não índios. A máquina de costura, por exemplo, é um utensílio que facilita a fabricação de roupas, que antes eram cosidas à mão, com linha e agulha, e agora os Terena pegaram essa palavra emprestada para nomear uma tecnologia que não foi criação deles.

Assim como nós brasileiros chamamos de “Smartphone” aquele aparelho celular que possui acesso à internet, usamos o empréstimo da língua inglesa para nomear algo que até pouco tempo não pertencia à cultura brasileira. Já em (48) observamos que machete, em português, é um tipo de faca utilizada geralmente em matas, algo que é de necessidade dos Terena, por viverem em reservas e frequentemente precisarem cortar arbustos, apesar de não serem mais tão atuantes na caça e não andarem tanto dentro de matas fechadas.

A seguir, temos o exemplo de um brinquedo infantil que possivelmente foi conhecido por essa cultura após proximidade com o não índio e a cultura do capital, assim

como o acesso às lojas da cidade. Observe:

(49) mbuneca, n. [Do Port.] boneca.

(ALMEIDA, 2005)

A palavra é marcada por uma nasalização, uma característica que estará presente em boa parte das palavras emprestadas do português. O mesmo ocorrerá com a palavra “bola”, que mais adiante apresentaremos em uma classificação que faremos dos empréstimos.

3.1.7. EMPRÉSTIMO PARA MEIOS DE TRANSPORTE

Com o contato com o outro e a necessidade de percorrer longas distâncias, como da aldeia para a cidade, da aldeia para a escola, entre outros lugares, os Terena passaram a utilizar transportes que antes era usado pelo não índio. Assim, por não se tratar de uma invenção dos Terena, os falantes dessa etnia adotaram empréstimos para nomear esses meios de locomoção.

No exemplo para esse caso, apresentamos a seguinte palavra:

(50) (a) koreta n. [Do Port.] carreta. Itatakoti heve ra **ngoretana**. “A roda da minha carreta quebrou”.

(SILVA, 2013)

(b) koretana, n. [Do Port.] carreta, carroça.

(ALMEIDA, 2005)

Em ambos os dicionários, o registro só diferencia-se em (b) pela presença do sufixo possuidor /-na/; no mesmo exemplo, a palavra é apresentada para dois tipos de transportes. Observe as definições do Dicionário da Língua Portuguesa:

(a) (car.re.ta)¹⁸ sf.

18 Palavra retirada do *Dicionário Caldas Aulete Digital*. Disponível em:

1. Bras. Grande caminhão reboque com carroceria extensa e ger. separada da cabine; JAMANTA
2. Carro pequeno de duas rodas; CARROÇA
3. Carro ger. empurrado a mão, para conduzir caixão mortuário nos cemitérios
4. Ant. Carretel de linha
5. Nome dado vulgarmente a qualquer viatura de artilharia e tb. ao reparo [F.: carro + -eta. Col.: carretama (RS). Hom./Par.: carreta (fl. de carretar); carretas [ê] (pl.), carretas (fl. de carretar).]

Voltando a pensar sobre o empréstimo na língua Terena, observamos que a palavra tanto nomeia carroça, que é um transporte que depende de cavalos, quanto a carreta mecânica, com motor, e esse fato deve-se à origem do nome e não a um deslocamento de sentido feito pelos indígenas.

3.1.8 EMPRÉSTIMO PARA VESTUÁRIO

No último agrupamento que fizemos está relacionado aos nomes dados a itens de vestuário, elementos que só chegaram aos índios Terena após o contato com o não índio, no entanto, sentiram a “necessidade” de utilizá-los com o passar do tempo.

(51) hapatu *n.* [Do Port.] sapato. Ihinokoti pe'u ra **nzapatuna**. “O meu sapato está furado por baixo”.

(SILVA, 2013)

Em (51), averiguamos o uso do fonema /h/ em vez de /s/ e o alofone /u/ no final da palavra. Já com relação ao empréstimo, sabemos que os índios, por natureza, andavam descalços, e que somente após o contato com o outro aderiram a esse costume de calçar um sapato.

O próximo empréstimo provavelmente foi inserido ao vocabulário por viverem em um ambiente que possui o inverno como estação bem-definida e que precisa agasalhar-se para proteger-se do frio nesses dias.

<<http://www.aulete.com.br/carreta#ixzz3tgXBXK8t>>. Acesso em 7 de dezembro de 2015.

(52) **mbalito** *n.* [*Do Port.*] casaco. Kotuti ra **mbalitona**. “O meu casaco é quente”. (→ **palitona**).

(SILVA, 2013)

Em (52), o empréstimo da palavra em Terena vem do português “paletó”. Na língua indígena, ela apresenta a consoante /m/ seguida da consoante /b/, causando a nasalização na pronúncia do verbete.

Outro verbete emprestado do Português para designar o tipo de calçado é o que apresentamos a seguir:

(53) **perekata** *n.* [*Do Port.*] chinelo. Kovu'ixoto **perekatana** ra kalivono. “A criança perdeu o chinelo”. Honono'iti ra mberekatana. “O meu chinelo é azul”.

(SILVA, 2013)

Ao olhar para a palavra emprestada em sua forma em Terena, nos remete à proximidade com a palavra do árabe, incorporada ao Português:

(al.par.ga.ta) *sf.*¹⁹

1. Espécie de calçado cuja sola se ajusta ao pé por meio de tiras de couro, borracha ou algum tecido; ALPARCA; ALPARCATA; ALPERCATA; PERCATA
[F.: Do ár. Al-pargat.]

No registro na língua Terena, notamos que “Perekata” é muito próximo ao Português “percata”, acrescentando apenas a vogal /e/ para diferenciar-se da língua Portuguesa

19 Verbetes consultado no Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete Digital. Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/alpargata#ixzz3tgkgKCT3> >. Acesso em 07 de dezembro de 2015.

3.1.9 ALGUMAS VARIANTES NO LÉXICO TERENA

Empréstimo do Português	Terena	Significado na Língua Portuguesa
Mbôla	epô'e	bola
Índiu	xané	Pessoa da etnia indígena
Ngátu	marakáya	gato

As palavras apresentadas no quadro tratam-se de registros diferentes, mas com a mesma significação, no entanto, não temos dados que comprovem quais deles é mais utilizado nas comunidades Terena, se os empréstimos ou os verbetes da língua materna.

3.1.10 OS EMPRÉSTIMOS EM TEXTOS

Baseado em dados de material didático, utilizados nas escolas da aldeia Ipegue, no município de Aquidauna – MS. A partir de um texto retirado desse material, averiguaremos o contato que os alunos dessa comunidade têm com os empréstimos do Português em sua língua materna.

Observe o texto coletado por Jordão, já apresentado com grifos e tradução, para mostrar o uso do empréstimo em seu artigo:

Sacólaum (sacolão)

- **Singu koêt i kílú: Nakáku** (Cinco quilos de arroz)
- **Kuáturu koêt i kílú: Pêxou** (Quatro quilos de feijão)
- **Mopo' âti kílú: Râmoko** (Três quilos de farinha)
- **Pi'âti kílú: Váka** (Dois quilos de carne)
- **Sêi koêti látana óliu.** (Seis latas de óleo)

– *kuáturu koêti kîlu: ásuka*. (Quatro quilos de açúcar)

– *Póhuti kîlu: Yúki*. (Um quilo de sal).

(JORDÃO, 2013)

O que verificamos em primeiro lugar foi a escolha do tema do texto. Trata-se de uma lista de compras, e o próprio ato de comprar é algo recente entre os indígenas, por se tratar de um advento que iniciou após eles terem acesso a trabalhos remunerados e não mais terem uma plantação suficiente para suprirem suas necessidades, “fazendo a roça no supermercado”²⁰.

Pelo fato do texto tratar de um “costume” que é recente nas comunidades Terena, é natural que se utilizem palavras emprestadas para a ação de ir ao sacolão comprar mantimentos.

A presença de textos com esse tipo de tema em livros didáticos demonstra uma fusão inevitável da cultura do outro (não índio) com a dos índios Terena. É possível que esse texto demonstre um pouco da realidade do presente, dos índios Terena, que têm aderido aos costumes e uso de tecnologias que pertenciam antes ao outro, mas, ao mesmo tempo, isso não os deixam esquecer de que possuem uma tradição a ser encenada e preservada.

Ao perceber que os textos estudados na escola apresentam elementos que marcam transformações na sociedade Terena, transformações essas que refletem na língua, podemos pensar que o uso dos empréstimos pode ser uma ponte para aquele aluno da etnia Terena que já não fala sua língua materna, e que se interessa pelo estudo da mesma. Cabe a nós, professores, conduzir esse aluno a valorizar e preservar a tradição, pois através da reflexão é que mostraremos que parte da tradição consiste em manter viva a língua Terena tanto no ambiente escolar, quanto da comunidade e familiar.

20 Fala de um ancião Terena no documentário *Do Bugre ao Terena*. Ano: 2011, Direção: Aline Espíndola e Cristiano Navarro, Roteiro: Cristiano Navarro, Produção: Adler Paz, Duração: 26 minutos, Apoio: Iphan/CNFCP, Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ctRicNW-vxc>>. agosto de 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial para esta pesquisa foi investigar se havia variações linguísticas, no campo do léxico e de uma comunidade Terena para outra. No entanto, logo nos primeiros contatos com as comunidades e em nossas observações percebemos que essa pesquisa seria inviável naquele momento, pois essa variedade da língua está muito mais representada na prosódia do que no léxico. Sendo assim, desejamos continuar pesquisando algo relacionado ao léxico. Por esse fato, decidimos pelos empréstimos do Português na língua Terena.

Em primeiro lugar, fizemos coletas de dicionários e gramáticas da língua Terena para consulta, e então partimos para a confecção de uma lista de empréstimos linguísticos do Português para a língua Terena. Para a realização das análises levamos em consideração os aspectos semânticos, fonéticos e social das comunidades Terena.

Pensando nas questões que foram analisadas ao longo desta pesquisa, podemos fazer algumas considerações. O primeiro fato que constatamos é que a língua Terena, como as demais línguas pelo mundo, não é estática, ela tem se movido de acordo com as necessidades de seus falantes para nomear “coisas” que antes não faziam parte de sua cultura. No entanto, pelo fato de habitarem em um ambiente propício para o encontro de várias culturas distintas, ou seja, um meio transcultural, que contribui para que valores sejam agregados uns aos outros. Nesse sentido, é que os índios Terena vão reconfigurando seus olhares, suas tecnologias, a sua sociedade e isso se reflete na língua, tudo isso ocorre sem deixar de lado a tradição, as lutas e as memórias de seus antepassados.

Nesse sentido, não vemos a questão do empréstimo linguístico como algo que prejudica e contribui para o desaparecimento da mesma, pelo contrário, se os empréstimos forem estudados e bem utilizados em sala de aula, por exemplo, poderão ser um recurso para que professores de língua Terena ensinem a partir dessas palavras que os alunos talvez estejam mais familiarizados por utilizarem mais o português do que a língua materna em seu dia a dia. É necessário pensarmos que as mudanças linguísticas

ocorrem e demonstram que há um contexto “transcultural”²¹ e “translíngua”, no qual os Terenas estão inseridos.

Assim como no português falado no Brasil, que sofre influência e palavras emprestadas do inglês, do árabe e do francês, o Terena tem tomado emprestado as palavras do português para nomear elementos da cultura do não índio. Assim como *fast-food* não pertence à cultura brasileira e hoje faz parte do nosso cotidiano, o uso das tecnologias, o desenvolvimento e as mudanças na sociedade Terena propiciam as mudanças na língua, embora isso não signifique que eles deixaram de ser índios da etnia Terena por se apropriarem de determinadas palavras do português, assim como não somos norte-americanos por comermos *fast-food* e utilizarmos palavras da língua inglesa em nossa vida diária.

Ao nos voltarmos para a análise das palavras emprestadas do português, observamos algumas questões que ressaltaremos, como a queda do fonema /s/ no final das palavras; percebemos esse fato em duas delas, os exemplos (7) e (8), quando as palavras são finalizadas com vogais e não com a consoante como no Português.

Outra distinção muito comum, encontrado em vários verbetes, é o uso dos acentos agudo e circunflexo que possuem funções distintas na língua Terena, como por exemplo, o primeiro serve para reforçar a sílaba, já no segundo não só serve para reforçar a pronúncia da sílaba, como é em tom decrescente de acordo com Butler e Ekdhal (1979). Outra característica comum nos empréstimos é a marca de nasalização e pré-nasalização com o uso de /m/ ou /n/ seguidos de consoantes. Ainda de acordo com a gramática da língua Terena, os empréstimos não apresentam o sufixo /-na/, mas não é comum em todas as palavras.

Ainda com relação aos registros, percebemos a queda dos ditongos presentes nas palavras em Português. Algumas transformações que observamos com constância foram as trocas das consoantes /c/ por /k/, /j/ por /x/, as vogais /o/ por /u/ e /e/ por /i/ tanto no interior quanto no final das palavras, mostrando muitas vezes uma proximidade do registro da língua Portuguesa oralizada, utilizada na fala, sobretudo a fala caipira, como

²¹Citamos os termos transcultural, pelo fato dessa etnia habitar em uma região de “entrecruzamentos culturais e plurilíngua” (Rocha. 2014, p.14). Termos tomados do conceito de transculturalidade que leva em consideração o constante “cruzamento entre fronteiras” (Idem. 2014, p.14)

é o caso do exemplo (14) “ayu” para alho.

Essas transformações nos registros são marcadas por marcas de proximidade fonética, como no caso da escolha do fonema fricativo /g/ pelo fricativo para substituir /k/; foneticamente, a única distinção entre os dois fonemas é que uma é vozeada e a outra não, e que os sons são muito próximos, por isso são utilizadas.

A respeito do registro dos empréstimos nos dicionários, constatamos alguns fatos: primeiro que o *Dicionário Infantil Bilingue* (Almeida, 2005) não cumpre com sua proposta, pois as significações são apresentadas de maneira muito ampla, como no caso da palavra em (37) Iskova, que sem exemplos de usos das palavras em sentenças não há como definir que tipo de escova o empréstimo nomeia, ou se todos os tipos; isso não é apontado, e como se trata de um dicionário para criança, isso deveria ser apresentado de uma forma ainda mais clara.

Outra dificuldade encontrada é que esse dicionário não separa a raiz das palavras das derivações, ou seja, muitas vezes coloca-se um significado, mas se fôssemos levar em consideração os sufixos teríamos a presença de possuidores e verbalizadores, mudando o sentido, ou melhor a significação registrada no dicionário. Sobre essa questão temos a seguinte consideração:

Supomos que a raiz fosse algo como ‘rará’, e as formas apresentadas nas entradas são palavras derivadas, mas não há nenhuma discussão ao longo do trabalho sobre esse tipo de formação, além da entrada também não informar mais nada além da tradução do vocábulo aí descrito. (OLIVEIRA e FERREIRA. 2013, p. 96)

Isso justifica o fato de termos encontrado registros distintos entre os dicionários estudados neste trabalho. Por esse fato achamos prudente apresentar ambos os registros e tentar justificar suas distinções. Ainda sobre algumas observações feitas a respeito do trabalho de Almeida (2005), temos a seguinte afirmação:

[...] além de esboçar brevemente o que é um dicionário bilíngue e a justificativa por ter escolhido este tipo de dicionário para ser desenvolvido. A autora explica que acredita ser seu trabalho de grande valia para os alunos terena de escolas situadas nas comunidades desta etnia. (IDEM. 2013, p. 96)

A respeito desse trabalho, podemos considerar que apesar da contribuição dos registros dos vocábulos da língua Terena, precisamos considerar que alguns ajustes

serão necessários para alcançar o objetivo do dicionário que é servir de ferramenta para crianças Terena que falam a língua materna e a língua Portuguesa.

Por fim, voltamos ao cerne deste trabalho “Empréstimos linguísticos do Português na língua Terena”, podemos afirmar que ao refletirmos sobre língua, cultura e sociedade, que são o foco da proposta sociolinguística, verificamos a heterogeneidade linguística brasileira e agora na língua Terena. Notamos que as fronteiras linguísticas e culturais, que geralmente são lugares de conflito, podem transformar-se a partir da reflexão e do estudo da língua do outro, na tentativa de valorizar as diferenças, fazendo das distinções culturais elos que agreguem valores às culturas umas das outras. Assim a língua portuguesa pode agregar valor à língua Terena, desde que isso não ocorra por meio de uma imposição e do pensamento de que uma cultura ou língua é superior à outra, sem destruir a tradição dos povos indígenas, neste caso, do povo Terena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.B.K. **O léxico da Língua Terêna**. Proposta do Dicionário Infantil – Bilíngue Terêna- Português. 174f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília – UnB, 2005.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Editora UFMG, Belo Horizonte, MG:1998.

BERGAMASCHI, M. A.; SILVA, R H. D. **Da escola para índios às escolas indígenas. Presente revista de educação**, Ano XVI – Nº 63, p. 22-31, dez. 2008.

BITTENCOURT, C. M.LADEIRA, M. E. **A história do povo Terena**. Brasília : MEC, 2000.

BUTLER, N. E.; EKDAHL, E. M. **Aprenda Terena, vol. 1**. ed. rev. Anápolis: SIL, 1979.

BUTLER, N. E.; EKDAHL, E. M. **Aprenda Terena, vol. 2**. ed. online . Anápolis: SIL, 1979.

BUTLER, N. E. **Derivação Verbal na Língua Terêna**. 1970. Disponível em:< <http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/TEDvVb.pdf>>. Acesso em 18 de julho de 2015.

CÂNDIDO, W.R. **O indigenismo de Alencar: um diálogo com a literatura andina no século XIX**. Revista Iluminart – ISSN: 1984-8625 – Número 5 – Agosto de 2010 – IFSP – Campus Sertãozinho.

CASTRO. I. Q. de. **Os Chané-Guaná e os europeus na constituição do Gran Chaco Colonial**. Trabalho Apresentado no Simpósio Temático “Os Índios e o Atlântico”, XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH, São Paulo, julho de 2011. Disponível em:< <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/SNH2011/TextolaraQC.pdf>>. Acesso em 01 de agosto de 2015.

CASTILHO, M.A.de. **Cerâmica Terena: patrimônio imaterial**. *Tellus*, ano 10, n. 19, p. 231-238, jul./dez. 2010, Campo Grande – MS

CRYSTAL, D. **Dicionário de lingüística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DINIZ, E.S. **Os Guarani e os Terena da reserva indígena Araribá: suas atividades econômicas atuais**. USP: 1976. Disponível em: < http://www.ieb.usp.br/publicacoes/doc/rieb21_1349116837.pdf>. Acesso em 18 de julho de 2015.

EKDAHL, E.M.; BUTLER, N.E. **Explicação da Ortografia Terena**. Sociedade Internacional de Lingüística, Brasília, DF, 2007. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/BRASIL/PUBLICNS/LING/TEOrtho.pdf>>. Acesso em 29 de julho de 2015.

FARACO, C.A. **Linguística Histórica**. Ed. Ática, SP – 1998.

FELIX JÚNIOR. O.S. **O envio de negros da Bahia para a Guerra do Paraguai**. História e Perspectivas, Uberlândia: 379-410, jul./dez. 2011. Disponível em:< <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19414/10435>>. Acesso em 09 de agosto de 2015.

GOMES, N. S.. **A SIL e os estudos das línguas indígenas brasileiras**. Anais CIFEFIL. 2000. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ05_118-135.html>. Acesso em 16

KEHDI, V. **Morfemas do Português**. Ática, 5ªEd, 1999, São Paulo- SP.

JORDÃO. I.L.P. **Alfabetização/ letramento de indígenas Terena: relatos sobre as experiências na aldeia Ipegue**. (Dissertação de mestrado) – UEMS, Campo Grande – MS, 2015.

JORDÃO. I.L.P; ANTONIO, J.“**KOUHÉPUNETI: língua e cultura terena**”: empréstimos linguísticos na língua Terena – coleta de dados – educação básica. Revista Philologus, ano 19, nº 57 – supl.: Anais da VIII JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2013

LEITE. Y; CALLOU. D. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MANZOLILLO, V. C. O. de. **Empréstimo lingüístico: necessidade ou modismo**. In. Anais do IV Congresso Nacional de Lingüística e Filologia. Cadernos do CNLF, Série IV, nº. 03 – Artes do Léxico. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000.

MARTINS, A. L. **Origens**. In: ____ História do café. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, E. A. de; VARGAS, V. L. F. **Alguns aspectos culturais dos Terena**. Disponível em: < <http://www.neppi.org/anais/identidade%20e%20organiza%E7O%60o%20social%20indigena/ALGUNS%20ASPECTOS%20CULTURAIS%20DOS%20TERENA.pdf>>. Acesso em 25 de julho de 2015.

OLIVEIRA, C. P.; FERREIRA, R. V. **Dicionário infantil bilíngue Terena – observações e apontamentos**. Entrepalavras, Fortaleza – ano 3, v.3, n. esp., p. 89-101, jan/jul: 2013.

PEREIRA. L.M. **Os Terena de Buriti: as formas organizacionais territorialização da identidade étnica**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009. 170p.

RIGOTTI. M. **A cultura do Mamoeiro**. Disponível em:< <http://portaldahorticultura.xpg.uol.com.br/CulturadoMamoeiro.pdf>>. Acesso em 05 de dezembro de 2015.

ROCHA, C. H. **Formação cidadã, tecnologia e ensino de línguas na perspectiva do letramento crítico**. Anais Eletrônico do XII CONAELL – Colóquio Nacional de Estudos Linguísticos e Literários Sinop-MT, 06 a 10 de outubro de 2014.

ROSA, A. M. **Aspectos morfológicos do Terena (Aruak)**. (Dissertação de Mestrado) Disponível em:< <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/401/1245>>. Acesso em: 30 de maio de 2015.

RODRIGUES, A. D. **Línguas indígenas brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: < <http://www.laliunb.com.br> >. Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. Ed. Loyola, SP-2002.

_____. **Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil**. *Cienc. Cult.* [online], vol.57, n.2, pp. 35-38. 2005.

SILVA.T. C. **Fonética e fonologia da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA. D. **Estudo lexicográfico da língua terena: proposta de um dicionário bilíngüe terena-português**. Tese (doutorado em lingüística e língua portuguesa), UNESP – Araraquara: SP, 2013.

SOUZA, I. C. de. **SIL: 50 anos no Brasil**. Disponível em: <http://www-01.sil.org/americas/brasil/pdfs/IsaacCostadeSouza.pdf>. Acesso em 28 de julho de 2015.

SOUZA, L. T. M. **Língua, Cultura e emergência dialógica**. R. Let. & Let. Uberlândia-MG v.26 n.2 p. 289-306 jul.|dez. 2010

VARGAS V.L.F. **A dimensão sociopolítica do território para os Terena: as aldeias nos séculos XX e XXI**. (Tese de doutorado), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2011.

VARGAS, V. **Os Índios Terena e a Guerra contra o Paraguai (1864-1870)**. Disponível em <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/VVargas.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2015.

VARGAS I.A. de, et al (Org.). **Os Terena da Aldeia Buriti: saberes e fazeres**. Ed. Oeste, Campo Grande, MS-2011.

TAUNAY, A. D. V. de. **A retirada da Laguna – episódio da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Ediouro. S/D. Versão digital disponível em: <<http://www.psb40.org.br/bib/b385.pdf>>.

ANEXOS

LISTA DE EMPRÉSTIMOS DO PORTUGUÊS

A

akere *n.* [Do Port.] alqueire. (Silva. 2013)

ákere,*n.* [Do Port. Alqueire] saco de sessenta quilos. (Almeida.2005)

alúkaxo,*vt.* [Do Port.] Alugar (Almeida.2005)

alukaxoti *v.* [Do Port.] alugar. **Alukaxoti** ovokuti pitivokoke. “Ela vai alugar uma casa na cidade”. (Silva.2013)

álunoe,*n.* [Do Port.] Aluno. (Almeida.2005)

âramena,*n.* [Do Port.] arame usado para cercar terrenos.(Almeida.2005)

aramé *n.* [Do Port.] arame usado para cercar terrenos. (Silva. 2013)

aramusu,*n.* o almoço, hora de comer. (Almeida.2005)

aramusa *n.* [Do Port.] almoço, hora de comer. Itukotimo **aramusa** ra Marlene ikeke lumingo. “A Marlene fará almoço domingo” (Silva. 2013)

arámusako,*vt.* [Do Port.] Almoçar (Almeida.2005)

aramusakoti *v.* [Do Port.] almoçar. **Aramunzako** ovokuke eno ko'oyene. "Eu almocei na casa da minha mãe hoje". **Aramusako** ra xopeti ovonguke. “As visitas almoçaram na minha casa”. (Silva. 2013)

atupu *n.* [Do Port.] adobe, tipo de tijolo.(Silva. 2013)

axúka,*n.* [Do Port.] açúcar mascavo. V. koâti axúka.(Almeida.2005)

axuka [Do Port.] *n.* **1)** açúcar. **2)** rapadura. Itiveti ne **axuka**. “A rapadura é doce”. Tiu'iti **axuka**. “A rapadura é dura”. (Silva. 2013)

ayu *n.* [Do Port.] alho. Uheti ne hopu'iti nakaku xanenake **ayu**. “O arroz branco temperado com alho é gostoso”. (planta, *Allium*). (Silva. 2013)

E

etaruma *n.* [Do Port.] tarumã. Xunati ihopune ne **etaruma**. “O tarumã possui um cheiro muito forte”. (planta, *Vitex montevidensis*). (Silva. 2013)

katera *n.* [Do Port.] carteira. Kuxotine ra **ngaterana**. “A minha carteira é velha”.(Silva. 2013)

keápuna,*n.* [Do Port.] quiabo.(Almeida.2005)

kehu *n.* [Do Port.] queijo. Avo aunati ra **kehu**. “O queijo ainda não está bom”. (Silva. 2013)

korênde,*n.* [Do Port.] corrente.(Almeida.2005)

koreta *n.* [Do Port.] carreta. Itatakoti heve ra **ngoretana**. “A roda da minha carreta quebrou”. (Silva. 2013)

koretana, *n.* [Do Port.] carreta, carroça. (Almeida.2005)

kou, *n.* [Do Port.] cru, não cozido. (Almeida.2005)

H

hapatu *n.* [Do Port.] sapato. Ihinokoti pe'u ra **nzapatuna**. “O meu sapato está furado por baixo”. (Silva. 2013)

I

lumingu *n.* [Do Port.] domingo. Huvekuti ra lumingu ko'oyene. “O domingo está muito calmo”. Luminguke ava ayuiti yara vipuxovoku. “No domingo que vai haver festa aqui na nossa comunidade”. (Silva. 2013)

íngele, *n.* [Do Port.] inglês (Almeida.2005)

íriku, *n.* [Do Port.] rico. (Almeida.2005)

iskólana, *n.* [Do Port.] escola. (Almeida.2005)

iskova, *n.* [Do Port.] escova (Almeida.2005)

K

káfena, *n.* [Do Port.] café. (Almeida.2005)

kalípiu, *n.* [Do Port.] eucalipto (Almeida.2005)

kalipiu *n.* [Do Port.] eucalipto. Nokuti **kaliptu** ra GATI. “O GATI planta eucalipto”. (Silva. 2013)

kame'elana, *n.* [Do Port.] gamela, bacia de madeira. (Almeida.2005)

kápana, *n.* Var. *keápana*. [Do Port.] capa de chuva. (Almeida.2005)

kápanga, *n.* [Do Port.] capanga, bolsa de guardar dinheiro. (Almeida.2005)

kapáta, *n.* [Do Port.] capataz, chefe dos trabalhadores na fazenda. (Almeida.2005)

karápana, *n.* [Do Port.] garrafa. (Silva. 2013)

karapa *n.* [Do Port.] garrafa. Koema'iti ra itatakoti **karapa**. “A garrafa que está quebrada é um perigo”. (Silva. 2013)

karíxo, *n.* [Do Port.] carijó, espécie de galinha pequena. (Almeida.2005)

karixo *n.* [Do Port.] galinha carijó (ave, *Gallus gallus domesticus*). (Silva. 2013)

kasatu *n.* [Do Port.] casamento. Apetimo **kasatu** luminguke. “Haverá casamento no domingo”. (→**ikorokovoti**). (Silva. 2013)

L

lapina, *n.* Var. *leapina*. [Do Port.] lápis. (Almeida.2005)

lâtana, *n.* Var. *leátana*. [Do Port.] lata. (Almeida.2005)

lavona *n.* [Do port.] lagoa. Evakaxu ne **lavona**. “Tem capivara na lagoa”. (Silva. 2013)

lehu *n.* [Do port.] lenço. Kopiti'iti ra **lehu**. “O lenço está sujo”. Inamatiko ra **lenzuna**. “O meu len-

ço é novo”. Ivarereoti ra **lihuna**. “O seu lenço está rasgado”. (Silva. 2013)

lelojiu,*n.* [Do Port.] relógio. (Almeida.2005)

lísauna,*n.* [Do Port.] lição. (Silva. 2013)

lonana,*n.* [Do Port.] lona.(Almeida. 2005).

M

mákina,*n.* [Do Port.] máquina de costura.(Almeida. 2005)

matélu,*n.* [Do Port.] martelo.(Almeida. 2005)

maxete *n.* [Do Port.] machete. Itatakoti tuti ra **maxete**. “O cabo da machete está quebrado”. (Silva. 2013)

mbalito *n.* [Do Port.] casaco. Kotuti ra **mbalitona**. “O meu casaco é quente”. (→**palitona**). (Silva. 2013)

mbicikeleti *n.* [Do Port.] bicicleta. (Silva. 2013)

mbisuru *n.* [Do Port.] besouro. Eno **mbisuru** ya yoti. “A noite tem bastante besouro” (inseto, *Coleoptera*).(Silva. 2013)

mbôla,*n.* [Do Port.] bola de futebol.(Almeida. 2005)

mbola *n.* [Do Port.] bola (→ **epo'e**). (Silva. 2013)

mbuneca,*n.* [Do Port.] boneca.(Almeida. 2005)

mbulu *n.* [Do Port.] bolo. Pu'iti yeu ra **mbulu** mbara. “Eu ganhei um pedaço grande de bolo”. (Silva. 2013)

melatu *n.* [Do Port.] melado. Oro'okovoti ra **melatu**. “O melado está queimado”. (Silva. 2013)

merum *n.* [Do Port.] melão. Itiveti ra **merum**. “O melão é doce”. (Silva. 2013)

mêsana,*n.* [Do Port.] lugar onde põe a comida, mesa.(Almeida. 2005)

mokotona,*n.* [Do Port.] mocotó, pé de vaca cozido com mandioca.(Almeida. 2005)

N

naranga *n.* [Do Port.] laranja. Ako aitivehiko ra **naranga**. “As laranjas não são doces”. (Silva. 2013)

ngarama *n.* [Do Port.] grama. (Silva. 2013)

njanta,*n.* Var. *yanta*. [Do Port.] janta.(Almeida. 2005)

njelu *n.* [Do Port.] gelo. Uke'ene itureyea ra **njelu**. “O gelo acabou de derreter”. (Silva. 2013)

nîki,*n.* Var. *niki*. [Do Port.] níquel, dinheiro.(Almeida. 2005)

O

ôrana,*n.* [Do Port.] hora, tempo.(Almeida. 2005)

P

pânana,*n.* [Do Port.] banana. (Almeida. 2005)

panana *n.* [Do Port.] banana. Enone **panana** itovoti ya xuvekuke kavaneke. “Já tem muitas bananas maduras na roça”. (Silva. 2013)

pânguna,*n.* [Do Port.] banco, assento.(Almeida. 2005)

pangu *n.* [Do Port.] banco de sentar. Inarakoti heve ra **pangu**. “O banco está com a perna quebrada”. (→**ivatakakuti**).(Silva. 2013)

pasáyeiru,*n.* [Do Port.] passageiro, trem de passageiro.(Almeida. 2005)

pasókana,*n.* [Do Port.] paçoca carne cozida socada junto com farinha, V. kapásikoa. (Almeida.2005)

pátarauxa,*n.* [Do Port.] patrão, dono de fazenda. V. kapátarauxa. (Almeida. 2005)

pátaroaxa,*n.* Var. *páturuvaxa*. [Do Port.] patroa a mulher do patrão.(Almeida. 2005)

perekata *n.* [Do Port.] chinelo. Kovu'ixoto **perekatana** ra kalivono. “A criança perdeu o chinelo”. Honono'iti ra mberekatana. “O meu chinelo é azul”. (Silva. 2013)

perêkuna,*n.* [Do Port.] prego.(Almeida. 2005)

pexou [Do Port.] *n.* feijão. Eno **mbexouna** kavaneke. “Tenho muito feijão na roça”. Eno **pexou** none ra eungo ya isaneke. “Meu tio tem muito feijão plantado roça”.

piru *n.* [Do Port.] peru. Uhe'ekoti ene'i ra **piru**. “O canto do peru é bonito”. (ave, *Meleagris*). (Silva. 2013)

pipókana,*n.* [Do Port.] pipoca, milho.(Almeida. 2005)

píxi,*n.* [Do Port.] piche, lama asfáltica.(Almeida. 2005)

putau *n.* [Do Port.] botão. Itatakoti ra **putau**. “O botão está quebrado”. (Silva. 2013)

R

rítiru,*n.* [Do Port.] retiro, fazenda com gado.(Almeida. 2005)

S

sepoela *n.* [Do Port.] cebola. Pu'itinoe ra **sepoela** veneu. “As cebolas que você comprou são grandes”. (planta, *Allium cepa*). (Silva. 2013)

T

támarino,*n.* [Do Port.] tamarindo(Almeida. 2005)

tangi *n.* [Do Port.] tanque, açude. Enepone **tangi** itikovone une ya. “O açúde não tem mais água”. (Silva. 2013)

tánkina,*n.* [Do Port.] tanque de guerra.(Almeida. 2005)

туру *n.* [Do Port.] touro. Enepone **туру** ipuhokovoti. “O touro é bravo”. (mamífero, *Bovinae*). (Sil-

va. 2013)

V

vaka *n.* [*Do Port.*] vaca. Kinatinoe ne **vaka** ovoti ya oyonokutike. “As vacas da fazenda são gordas”. Eyekoxoatimo nza'a koxe'exayeyane ra mbeyo **vaka**. “Meu pai vai receber a notícia que a minha vaca deu cria”. Kotukoti xene **vaka** ra hoyeno. “O homem está tirando leite da vaca”. (mamífero, *Bovinae*). (Silva. 2013)

vui *n.* [*Do Port.*] boi. Mekuke enepora **vui** mbiu koe mikukoti koreta. “Antigamente o boi era um bom puxador de carreta”. (Silva. 2013)

X

xalera *n.* [*Do Port.*] chaleira. Enepora **xalera** hahaha kixoane yuku. “Esta chaleira está bem preta por causa do fogão a lenha”. (Silva. 2013)

xapau *n.* [*Do Port.*] mamão. Enepora **xapau** kararaunati. “Este mamoeiro é mamão macho”. Mbiho kavaneke veyombonoti koitovokone **xapau**. “Eu fui na roça pegar mamão para amadurar”. (Silva. 2013)